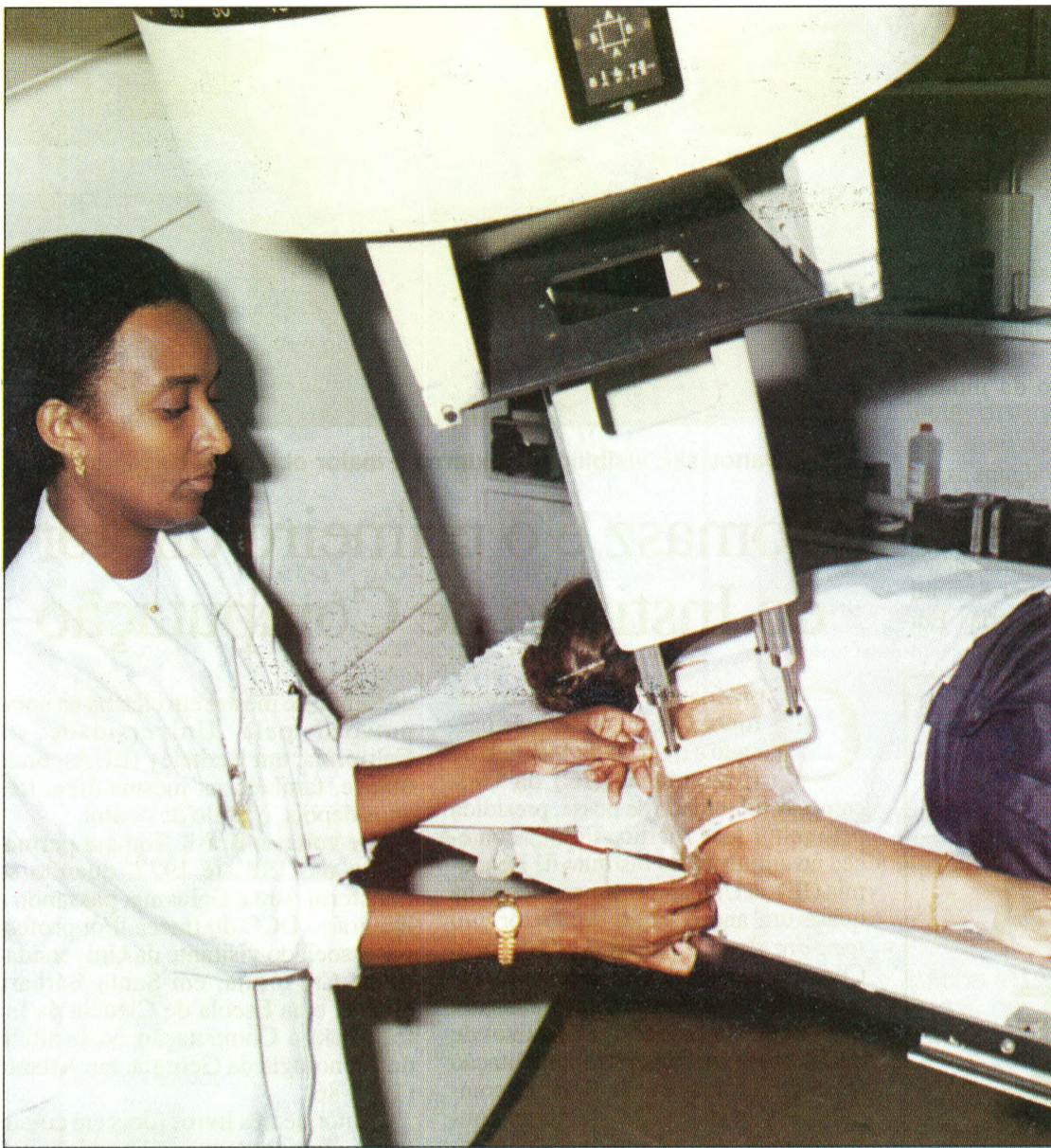


# Jornal da Unicamp



A médica Mônica Pereira aplica a pele de PVC numa paciente em tratamento no Caism

## Novas pesquisas ganham aplicação

Um material à base de PVC, desenvolvido na Faculdade de Engenharia Química e em uso no Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), vem contribuindo para aumentar a eficácia do tratamento radioterápico em pacientes com tumores superficiais. Na Faculdade de Ciências Médicas, pesquisadores usam o tomógrafo e a medicina nuclear no diagnóstico e no tratamento de transtornos obsessivos compulsivos. No Departamento de

Pediatria da mesma unidade, um software inova no controle de crescimento infantil. Enquanto isso, uma nova resina é desenvolvida no Centro de Tecnologia para ajudar o Metrô do Rio de Janeiro a evitar a degradação de dormentes em suas linhas e eliminar vibrações indesejáveis. São algumas das pesquisas que, neste início de ano, saíram dos laboratórios da Unicamp para alcançar o plano da aplicabilidade social. Nesta edição.

## Unicamp treina professores do ensino básico

*Projeto é resultado de convênio com a ONU e com a Secretaria Estadual de Educação*

A qualidade do ensino básico deve melhorar nos próximos dois anos, na região leste de São Paulo, com a capacitação de 6.370 professores da rede pública. Através de convênio assinado em março – envolvendo a Unicamp, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Secretaria de Estado da Educação –, profissionais do magistério vinculados a 13 delegacias de ensino de São Paulo voltam à posição de alunos: eles irão participar de cursos ministrados por cerca de 150 docentes da Unicamp, totalizando mais de 17 mil horas/aula.

Envolvendo perto de R\$ 4 milhões financiados pelo Banco Mundial (BIRD), o projeto Inovação do Ensino Básico, como é denominado, “representa um esforço fundamental para a melhoria do ensino”, destaca o reitor da Unicamp, professor José Martins Filho. O coordenador geral do projeto e pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, professor Archimedes Perez Filho, lembra que para a sua elaboração foram necessários três meses de reuni-

ões com representantes de todas as delegacias de ensino do Estado, que apresentaram aos professores da Universidade os principais problemas enfrentados no dia-a-dia da escola pública.

Na década de 80, uma iniciativa semelhante foi realizada pela Unicamp, porém envolvendo apenas 30 horas/aula de treinamento ministradas na própria Universidade. Desta vez, além de serem mais de 17 mil horas/aula, os docentes da Unicamp é que irão até as escolas para dar aulas aos professores de primeiro grau. Participam do projeto docentes das seguintes unidades: Faculdade de Educação, Instituto de Biologia, Instituto de Geociências, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Física Gleb Wataghin, Instituto de Estudos da Linguagem, Instituto de Matemática, Instituto de Química, Núcleo de Informática Aplicada à Educação e Oficina de Ações Interdisciplinares para Educação e Ciência.

**Módulos** — Iniciado em fevereiro último, o projeto está dividido em quatro módulos. O primeiro, que se estende até o final de abril, compreende 29 projetos que totalizam no final 480



O professor Mohammed Abib, do Instituto de Biologia, dá aulas a professores da rede

horas/aula e são dirigidos a 700 diretores, supervisores de ensino e assistentes de planejamento. Um desses projetos focalizará o papel da gestão escolar na qualidade de ensino. O segundo módulo, a ser realizado entre maio e julho deste ano, irá envolver os 5.670 professores de primeiro grau da rede estadual. São professores de português, matemática, história, geografia e de ciências, esta compreendendo as disciplinas de física, química e biologia.

Os professores irão participar de 3.888 horas/aula ministradas em cursos de reciclagem em suas respectivas áreas. Por exemplo, os de ciências assistirão a aulas sobre educação ambiental, enquanto os professores de física vão conhecer e participar de aulas nos modernos laboratórios da Unicamp. O terceiro módulo, re-

alizado entre agosto e outubro, e o quarto e último módulo, que acontece entre fevereiro e abril do próximo ano, irão envolver os mesmos 5.670 professores.

**Reconstrução** — Os quatro módulos, envolvendo 6.370 profissionais de 150 escolas da região (62 somente de Campinas), no cômputo final totalizam 17 mil horas/aula. Passado o período de treinamento, cada professor terá assistido 96 horas de aula. O projeto Inovação do Ensino Básico tem o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Além da Unicamp participam a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e as Universidades Federais de São Carlos (UFSCar) e de São Paulo.

Presentes à assinatura do

convênio, Raquel Volpato (coordenadora do Ensino do Interior da Secretaria Estadual de Educação) e Vera Wey (coordenadora do projeto pela Secretaria) ressaltaram a contribuição das instituições de ensino superior, em especial a Unicamp, para a recuperação do ensino de primeiro grau. Segundo Raquel, a rede de ensino básico se encontra num “estado de indigência”.

Fato que ilustra a situação caótica é que de cada 18 matrículas realizadas no Estado de São Paulo, apenas um aluno conclui a oitava série, enquanto no Brasil como um todo a proporção é de 24 para um. A partir de agora, no entanto, a expectativa é “a reconstrução do ensino através desse trabalho, que certamente marcará a história da educação brasileira”, afirma Raquel. (C.P.)

## VIDA UNIVERSITÁRIA

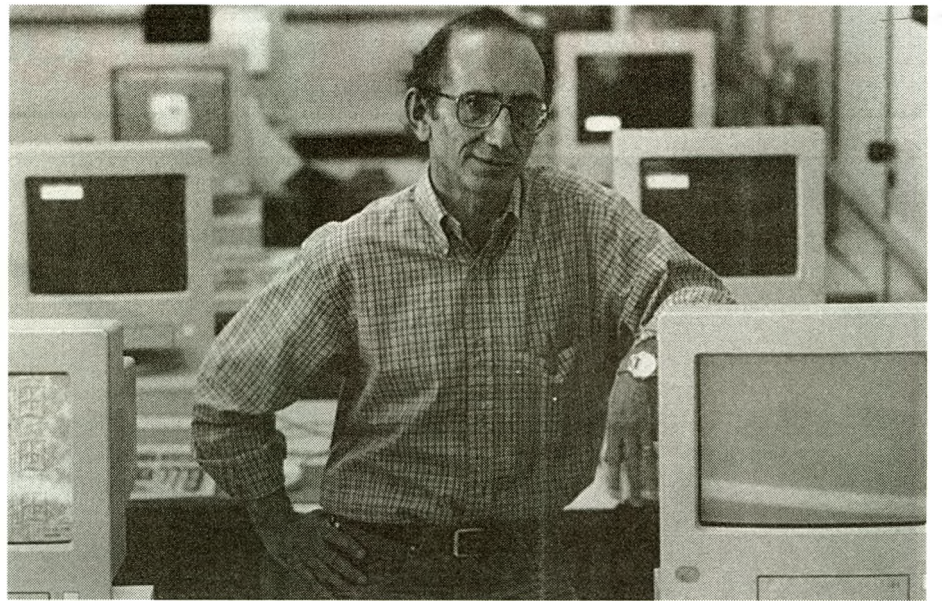
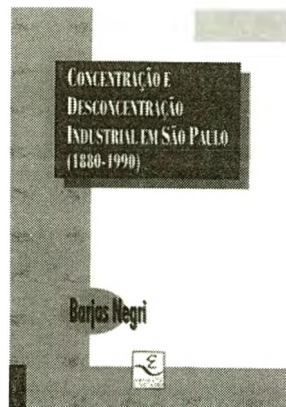
## LIVROS

**Auto-Organização — Estudos Interdisciplinares**, de Michel Debrun, Maria Eunice Gonzales e Osvaldo Pessoa Jr. O trabalho é fruto de inúmeras reuniões ocorridas no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Unicamp sobre auto-organização e informação. A obra, que consigna o último trabalho publicado em vida pelo professor Michel Debrun, falecido no dia 9 de março, consta de 17 artigos das mais diversas áreas, percorrendo filosofia, lógica, computação, física, biologia, ciência cognitiva, desenvolvimento motor, lingüística, psicologia, administração e música.

**Vital Brazil e o Instituto Butantan**, de Osvaldo Vital Brazil. A obra tem o propósito de avaliar a evolução dos

Institutos Manguinhos e Butantan através das mútuas relações que se estabeleceram no decorrer dos anos. Resgata também tudo o que foi publicado no Brasil e no exterior sobre o trabalho do cientista Vital Brazil. O autor do livro, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e filho de Vital Brazil, faz um depoimento sobre a figura paterna. Editora da Unicamp.

**Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo (1880-1990)**, de Barjas Negri. A obra apresenta todo o processo de concentração industrial em São Paulo, iniciado em 1880, até a interiorização da indústria paulista em 1970. Sobre esse aspecto, o autor se debruça sobre alguns aspectos importantes: a adoção de políticas atrativas municipais e as conseqüências causadas por essa migração de indústrias. Editora da Unicamp.



Kowaltowski: visibilidade externa e maior obtenção de recursos

## Tomasz é o primeiro diretor do Instituto de Computação

O professor Tomasz Kowaltowski assumiu no mês passado a direção do Instituto de Computação (IC) da Unicamp. A solenidade de posse, presidida pelo reitor José Martins Filho, aconteceu no anfiteatro do Instituto de Economia (IE) da Unicamp. Tomasz ocupa há quase um ano o cargo de diretor *pro tempore* do IC, unidade criada pelo Conselho Universitário em reunião realizada em 26 de março do ano passado.

A nova unidade abriga os cursos de bacharelado em ciência da computação (período noturno) e engenharia da computação (diurno), este oferecido conjuntamente com a Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC). Segundo o diretor, o surgimento do IC vem criando melhores condições para o aprimoramento de atividades na área, considerada estratégica e fundamental para o desenvolvimento da sociedade moderna. "Facilita o trabalho de obtenção de recursos externos, amplia a visibilidade externa da Universidade no setor e aumenta sua capacidade de intervir em iniciativas extra-institucionais".

O novo diretor formou-se em engenharia eletrônica em 1966 pela Escola Politécnica da USP, onde iniciou sua carreira docente. Quatro anos mais tar-

de tornou-se mestre em ciência da computação pela Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA), onde obteve, também na mesma área, três anos depois, o título de doutor.

De volta ao Brasil, Tomasz permaneceu na USP até 1977, quando se transferiu para a Unicamp, passando a integrar o DCC do Imecc. Foi professor associado visitante da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara (1980), e na Escola de Ciência da Informação e Computação do Instituto de Tecnologia da Georgia, em Atlanta (1985-86).

Autor de três livros (dois em co-autoria), Tomasz tem vários artigos publicados em revistas científicas estrangeiras e brasileiras. Seus trabalhos concentram-se em três áreas de interesse: projeto e implementação de linguagens de programação; estruturas de dados e algoritmos para processamento de textos; e educação em computação.

No decorrer desse período, Tomasz orientou várias pesquisas vinculadas a programas de pós-graduação. Foi membro de inúmeros colegiados e bancas examinadoras. Mesmo à frente dos trabalhos de direção do IC, ele mantém suas atividades docentes. O professor Ricardo de Oliveira Anido é o diretor associado do IC. (A.C.)

## SunSITE fica na Unicamp

O Instituto de Computação (IC) da Unicamp inaugurou o SunSITE do Brasil, um repositório de dados acessível via Internet e que integra o programa educacional da Sun Microsystems. O equipamento, doado pela Sun e gerenciado pela Unicamp, pode abrigar softwares e informações de utilidade pública. Existem atualmente cerca de 40 SunSITES espalhados pelo mundo. A Unicamp foi escolhida pela Sun para sediar o SunSITE do Brasil.

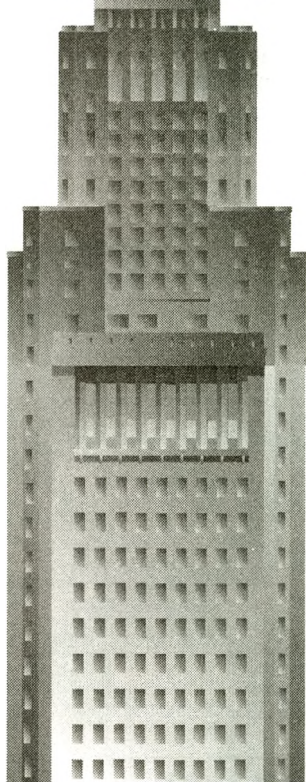
O SunSITE é um programa educacional patrocinado pela Sun, com o objetivo de dar acesso a informações de inte-

resse público. Pesquisas acadêmicas, dados governamentais, aspectos culturais, eventos de importância local, software e informações sobre a Sun Microsystems, incluindo *download* de programas desenvolvidos pela empresa, como a linguagem de programação Java, são os destaques.

O gerenciamento de conteúdo fica sempre sob a responsabilidade de uma universidade de destaque no país, escolhida pela Sun. O primeiro SunSITE inaugurado foi o da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, em 1992.

## O BANESPA TAMBÉM CUIDA DA SUA SAÚDE.

Através do Seguro Saúde Banespa, você tem à disposição uma ampla rede credenciada, composta pelos melhores hospitais, laboratórios, clínicas e médicos. Em caso de livre escolha, há reembolso de despesas dentro dos limites do plano contratado. E você não precisa se preocupar com as mensalidades. O débito é efetuado automaticamente em sua conta corrente. Além disso, estudamos a compra ou redução de carências já cumpridas em outro plano de saúde. Informe-se na sua agência e mude para o Seguro Saúde Banespa. Afinal, com saúde, a vida é bem melhor.



Seguro Saúde **banespa**

ANUNCIO PERMUTA PELO PATROCINIO DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS DOS 30 ANOS DA UNICAMP.

## UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

**Reitor** — José Martins Filho. **Vice-reitor** — André Maria Pompeu Villalobos. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** — Archimedes Perez Filho. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** — José Tadeu Jorge. **Pró-reitor de Pesquisa** — Carlos Henrique de Brito Cruz. **Pró-reitor de Graduação** — José Tomaz Vieira Pereira. **Pró-reitor de Pós-Graduação** — Carlos Alfredo Joly.

### Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (019) 239-7865, 239-7183, 239-8404. Fax (019) 239-3848. **Home-page** — <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** — [imprensa@cesar.unicamp.br](mailto:imprensa@cesar.unicamp.br). **Editor** — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). **Subeditor** — Roberto Costa (MTb 13.751). **Redatores** — Amarildo Carnicel (MTb 15.519), Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônio Platano Peinado (MTb 16.413) e Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473). — Paulo César do Nascimento (MTb 14.812) — colaborador. **Fotografia** — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). **Projeto Gráfico** — Amarildo Carnicel. **Ilustração** — Oséas de Magalhães. **Diagramação** — Roberto Costa. **Editoração Eletrônica** — Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** — Clara Eli de Mello, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida e Sônia Regina T.T. Pais. **Fotolito e Impressão**: IMESP.

## RAIOS CÓSMICOS

# Megaobservatório já está no projeto

*Físicos da Unicamp e de outros 19 países trabalham na idealização do superdetector*

## Paulo César Nascimento

Um grupo multinacional formado por físicos de 20 países está elaborando estudos para a construção de um "megaobservatório" de raios cósmicos, o primeiro no mundo a cobrir uma área de 7.000 km<sup>2</sup>. Desde outubro de 1995, pesquisadores da Unicamp e de outras seis universidades brasileiras estão participando ativamente deste projeto, batizado "Pierre Auger" em homenagem ao pesquisador francês que identificou pela primeira vez, na década de 30, a existência dos "chuveiros" cósmicos extensos.

O fenômeno intriga cientistas desde o começo do século, quando experiências detectaram um constante bombardeio de radiação cósmica sobre a superfície terrestre. Com o avanço da ciência e a construção de aparelhos cada vez mais sofisticados, os pesquisadores observaram que prótons altamente energéticos viajavam pela Galáxia e conseguiam romper o campo magnético que envolve a Terra. Ao atingir a atmosfera terrestre, essas partículas interagiam com núcleos da atmosfera dando origem a outras partículas que, agrupadas, formavam "chuveiros".

Apesar desses avanços, persistem ainda muitas dúvidas sobre a radiação cósmica. A origem das partículas, a forma como são



Turtelli e Chinellato: passo importante na investigação da origem do Universo

produzidas e a causa de sua aceleração são mistérios. Se encontrarem respostas para essas questões, os físicos acreditam que estarão dando um passo importante para decifrar o enigma da origem do Universo. Os cientistas trabalham com a hipótese de que os prótons altamente energizados se originam fora da Via Láctea, em outras galáxias, e colidem com a Terra depois de interagirem com a radiação de fundo originada no "Big Bang".

**Fora da Galáxia** — Com o objetivo de obter informações mais precisas e detalhadas sobre a origem das partículas, o projeto Pierre Auger prevê a construção de dois módulos de detecção dos "chuveiros" cósmicos, um no hemisfério norte e outro no sul. Atualmente existem pequenos detectores que são capazes de captar 60 ocorrências do fenômeno por metro quadrado a cada século. Os cientistas esperam que, com o megadetector, seja possi-

vel captar um número muito maior de "chuveiros" na superfície terrestre.

No hemisfério norte, o módulo deverá ser construído nos Estados Unidos, em Utah, nas proximidades de Salt Lake City. No hemisfério sul, o local escolhido fica na Argentina, perto da Cordilheira dos Andes. Juntos, os dois módulos devem monitorar uma área com cerca de 7.000 km<sup>2</sup> — 3.500km<sup>2</sup> no hemisfério norte e 3.500 km<sup>2</sup> no sul. Alguns fatores

como clima seco, superfícies planas e pouca nebulosidade influíram na escolha dos locais.

Segundo os professores da Unicamp Armando Turtelli e José Augusto Chinellato, integrantes do Pierre Auger, a parte técnica do projeto deve estar finalizada até o final deste ano e a expectativa é que dentro de dois anos as primeiras unidades detectoras entrem em operação.

Turtelli e Chinellato explicam que para captar os raios cósmicos existem dois tipos de equipamentos. O primeiro consegue detectar as partículas elétricas que compõem o "chuveiro" cósmico. O segundo, conhecido como "olho de mosca", é formado por um conjunto de espelhos capazes de "enxergar" a fluorescência das partículas na atmosfera.

Para captar as partículas carregadas de energia, tanto o módulo do hemisfério norte, quanto o do hemisfério sul, contarão com 1.500 tanques, dispostos em forma hexagonal, dotados de fotomultiplicadores e painéis solares. Estes tanques vão se interligar e se comunicar por meio de ondas de rádio.

A disposição dos espelhos para registrar a fluorescência das partículas ainda está sendo definida pelos cientistas. Eles acreditam que até o final deste ano o projeto de engenharia dos equipamentos que vão formar os observatórios estará definido. O custo total do observatório está estimado em US\$ 100 milhões.

## ENGENHARIA FERROVIÁRIA

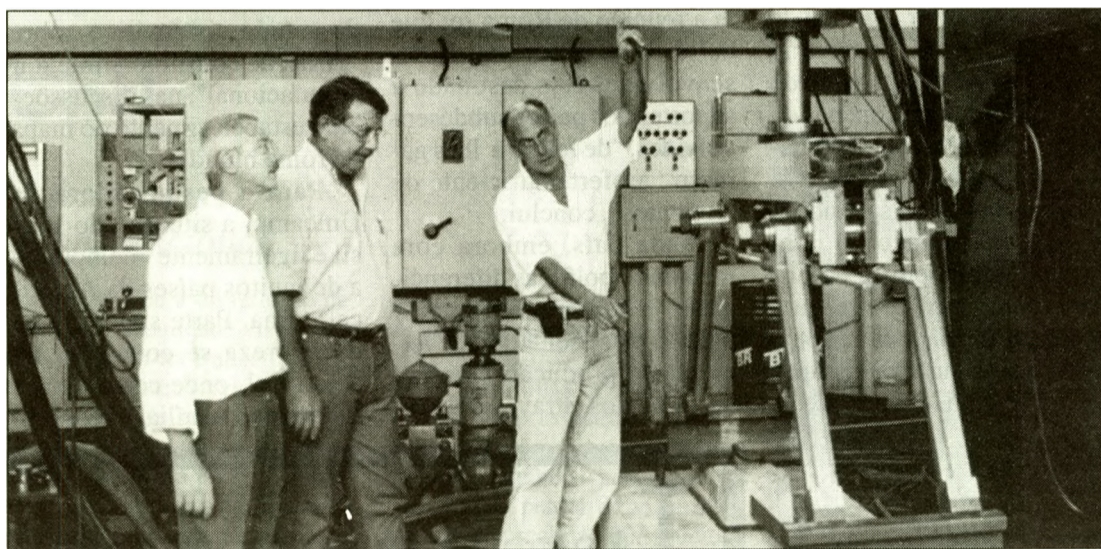
# Nova resina ajuda metrô do Rio

*Experiência anterior com o metrô de São Paulo já atrai interesse até da Colômbia*

Uma parceria entre a Companhia do Metrô do Rio de Janeiro, que serve a capital carioca, e o Centro de Tecnologia da Unicamp (CT), iniciada em 1990, está rendendo bons frutos. O novo trecho do metrô ligando o bairro Botafogo ao Arco Verde, ainda em fase de licitação, oferecerá mais conforto aos usuários e diminuirá as vibrações que passam dos vagões aos trilhos dos dormentes e daí para a via e os túneis. Além disso, será possível reduzir o tempo e os gastos com manutenção. As melhorias serão possíveis graças à utilização de novos materiais que vêm sendo pesquisados e indicados pelos profissionais da Unicamp para a construção de novos trechos.

Desde 1977, o Metrô do Rio de Janeiro utilizava o sistema Societé d'Etudes Ferroviaries (Stedef). Nesse sistema os dormentes são colocados diretamente dentro de alvéolos de uma laje de concreto por meio de componentes elásticos. Porém, a irregularidade dos alvéolos dificulta o assentamento dos dormentes. Com o passar dos anos, os esforços do veículo sobre a via provocam rachaduras nos dormentes, aumentando a frequência de manutenção e provocando vibrações nas estruturas da via e nos túneis.

"Para a construção do novo trecho do metrô, pesquisamos e sugerimos novos materiais que evitam esse tipo de problema. O novo assentamento dos dormentes será feito com elementos elás-



Augusto, Guidetti e Carlos Alfredo: tecnologia reduz gastos com manutenção

ticos modernos e injeção de uma resina desenvolvida no CT. Dessa forma, garantiremos a regularidade dos alvéolos, evitando a degradação dos dormentes e eliminando totalmente as vibrações", explica o engenheiro mecânico Augusto César Carreiro de Oliveira. A idéia será aproveitada também nas linhas 1 e 2 do metrô carioca, que ligam os bairros Botafogo, Saens Peña e Estácio a Vicente de Carvalho. Cerca de 45 mil dormentes pertencentes a esses trechos serão substituídos.

**Vibração menor** — Trabalho semelhante ao que está sendo desenvolvido no Metrô do Rio de Janeiro foi feito pelo Centro de Tecnologia na Companhia do Metrô de São Paulo,

em 1991. Segundo o chefe do Departamento de Engenharia de Sistemas e Ferroviária do CT, Antônio Arlindo Guidetti Porto, técnicos do Metrô São Paulo constataram, naquela época, ruídos e vibrações acima dos parâmetros considerados aceitáveis em duas regiões servidas pela Linha 2-Verde, um trecho integrante da futura ligação Vila Madalena - Oratório.

"Logo após a inauguração desse trecho, a Companhia do Metrô de São Paulo foi procurada pela direção do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Os dirigentes alegavam que a passagem dos trens estaria provocando vibrações e ruídos no prédio, prejudicando, inclusive, a realização de eventos. Moradores da região relataram proble-

ma semelhante", revela Guidetti.

Procurados para ajudar a solucionar o problema, profissionais do CT realizaram levantamentos e sugeriram a colocação de uma palmilha à base de borracha especial no conjunto de fixação do trilho. Assim, as vibrações foram absorvidas e o problema solucionado.

Além do trabalho para o Metrô do Rio de Janeiro, o Centro de Tecnologia da Unicamp está realizando ensaios para trilhos ferroviários do Metrô São Paulo e para dormentes de aço da Estrada de Ferro Vitória-Minas. A pedido de técnicos da Colômbia, o CT vem desenvolvendo ainda ensaios em dormentes e sistemas de fixação de trilhos para ferrovias que estão sendo implantadas naquele país. (P.C.N.)

## 25 anos

Às vésperas de completar 25 anos de existência, o Centro de Tecnologia da Unicamp investe na montagem de um laboratório de calibração de temperatura para ampliar, cada vez mais, a gama de serviços oferecidos à própria Universidade e ao setor industrial. O CT conta atualmente com três laboratórios de calibração — metrologia dimensional, já credenciado pelo Inmetro, calibração de força e calibração de pressão, ambos em fase de credenciamento. Além disso, o Departamento de Normalização e Inspeção do CT também está credenciado pelo Inmetro em segurança veicular.

Segundo o superintendente do Centro de Tecnologia, Carlos Alfredo B. de Campos, o órgão vem prestando atendimento às micro, pequenas, médias e grandes empresas nacionais e até internacionais para execução de serviços, projetos, trabalhos de pesquisa e desenvolvimento.

Os quatro departamentos que compõem o CT — Departamento de Engenharia de Sistemas e Ferroviária, Departamento de Infra-estrutura, Departamento de Desenvolvimento de Projetos e Processos, Departamento de Normalização e Inspeção — mantêm parcerias com o setor industrial e prestam consultorias para orientar os clientes, viabilizar projetos, discutir aspectos financeiros, desenvolver contratos, além de fazer o acompanhamento dos serviços em andamento. (P.C.N.)

## ALIMENTAÇÃO

# Nepa ajuda a elaborar mapa da fome

Núcleo da Unicamp levou propostas à Cúpula Mundial de Alimentação

Antonio Roberto Fava

A Unicamp, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa), participou da delegação brasileira do mais importante evento sobre a questão da fome no mundo. O encontro — Cúpula Mundial de Alimentação — promovido pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), realizou-se em Roma e contou com a participação de 183 países das três Américas, interessados em, se não acabar, pelo menos minimizar a fome de países pouco desenvolvidos ou em desenvolvimento.

A professora Maria Antonia Galeazzi, pesquisadora do Nepa, em conjunto com técnicos e representantes de diferentes ministérios, organizações de classe e secretaria executiva do Programa Comunidade Solidária, convidada pelo ministério das Relações Exteriores, ficou responsável pela produção conjunta de um texto referência para a discussão de um plano de ação sobre segurança alimentar para os próximos 15 anos. Nesse texto ela apresenta as possíveis diretrizes para o desenvolvimento de políticas públicas de segurança alimentar de combate à fome, à má nutrição e à pobreza no mundo. Segundo Maria Antonia, o documento concentra-se basicamente em três pontos: ampliar as condições de acesso à alimentação e reduzir o seu peso no orçamento familiar; assegurar saúde, nutrição e alimentação a grupos populacionais mais amplos; e garantir a qualidade



Maria Antonia Galeazzi: "mecanismos para reduzir a fome mundial"

biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos e seu aproveitamento, além de estimular práticas alimentares e estilos de vida mais saudáveis.

O Brasil apresenta hoje um quadro de insegurança alimentar que preocupa, já que "milhões de pessoas estão submetidas à fome e parte significativa da população carece de uma alimentação quantitativa e qualitativamente adequada", diz a pesquisadora da Unicamp.

No começo dos anos 80, ao mesmo tempo em que o governo anunciava safras recordes e o país se alçava à posição de quarto exportador mundial de alimentos, o Brasil passava ao sexto lugar no campeonato de desnutrição — atrás apenas da Índia, de Bangladesh, Paquistão, Filipinas e Indonésia. De lá para cá pouca coisa mudou. No entanto, de acordo com Maria Antonia, em se tratando de fome no mundo, há uma preocupação, não só por parte do Brasil, mas de outros países também, em desenvol-

ver uma política eficaz de alimentação e nutrição. Por outro lado é necessário a acompanhamento sistemático por parte do governo do impacto das políticas adotadas nos próximos 15 anos.

**Perfil da fome** — Existe um comprometimento de diferentes países de seguir os indicativos instituídos no plano de ação e da declaração política já aprovada em plenário. "Um desses indicativos é a criação de mecanismos para se tentar reduzir em 50% a fome mundial nos próximos 15 anos. Outra decisão política importante tomada durante a reunião de Roma foi que 0,7% do PIB dos países desenvolvidos seja destinado a suportes dos países subdesenvolvidos, "de forma a lhes garantir a oferta suficiente de alimentos", conclui.

Cada país, embora com medidas e políticas diferenciadas, se compromete a criar processos na tentativa de aumentar a produção mundial de alimentos, através de com-

promissos voltados a pequenas agriculturas e à agricultura familiar", explica a pesquisadora. Além disso, todos os países envolvidos no processo são responsáveis pela elaboração de um mapa onde deve constar o número de indigentes e pobres, para se estabelecer um perfil da fome no mundo. O Brasil é um dos poucos países a elaborar o mapa da fome. O texto, redigido pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e pela Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), em 1993, foi atualizado no início deste ano. O Nepa tem colaborado através de estudo sistemático sobre "Perfil de consumo alimentar populacional", nas discussões para estabelecimento do mapa da fome mundial.

Para a pesquisadora da Unicamp, a situação do Brasil é ligeiramente melhor que a de muitos países da América Latina. Parte significativa da pobreza se concentra na área rural, onde cerca de 4,8 milhões de famílias vivem em

## A proposta do Brasil na Cúpula Mundial

- Promover uma maior liberalização do comércio agropecuário como forma de garantir a segurança alimentar mundial.

- Aumentar a produção agropecuária com base na sustentabilidade dos recursos naturais.

- Promover políticas sociais e econômicas diretamente voltadas para a redução da pobreza e das iniquidades sociais.

- Fortalecer a parceria Estado-Sociedade visando a combater a fome, a pobreza e a exclusão social.

- Intensificar o programa de assentamentos rurais.

- Fortalecer o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf).

situação de extrema miséria. Outra parte está nas áreas urbanas, incapazes de absorver o enorme contingente populacional de milhões de brasileiros que abandonou a atividade agrícola e a área rural nas últimas décadas, para buscar novas alternativas de resistência nas cidades. (A.R.F.)



B O D Y · W E A R

Roupas para ginástica e linha praia  
Acessórios e complementos

Rua Albino José Barbosa de Oliveira nº 1.600 - Loja 14 - Fone (019) 239-5217 - Campinas

TILLI CENTER - BARÃO GERALDO



**O Centro de compras de Barão Flamboyant Geraldo!**

cd's - esotéricos - esportivos - importados - confecções - café  
papelaria - perfumes - turismo - seguros. À SUA ESCOLHA!  
AV. Albino J.B. de Oliveira, 830 - BARÃO GERALDO

## Lake House tem outro conceito de serviço de restaurante.

Qualidade. Além da qualidade dos alimentos — obrigatória — o Lake House tem a qualidade do atendimento, com maior carinho e conforto. Fruto da filosofia da casa e do

treinamento aplicado. Qualidade visual, no novo lay out interno. O Lake House reestilizou o cardápio, com preços menores e mais. . . qualidade. Por exemplo: a "Casa do

Churrasco", também por quilo. Você escolhe a carne. O novo buffet de saladas, refrigerado. Na sobremesa, muitas delícias. E de saída, café expresso e licores. Quer mais?

Venha conferir.

ALMOÇO POR QUILO, INCLUSIVE O CHURRASCO. JANTAR SELF-SERVICE, COM PREÇO POR PESSOA. ATÉ AS 22 h.

**Lake House**  
Restaurante

ALMOÇO ESPECIAL AOS SÁBADOS E DOMINGOS. TELEFONES: (019) 971-2164 e 971-6198

No Campus, junto ao lago, integrado ao Parque Ecológico.

## QUÍMICA

# PVC inova no tratamento de tumores

*Engenheira desenvolve material que aumenta eficácia dos procedimentos com radioterapia*

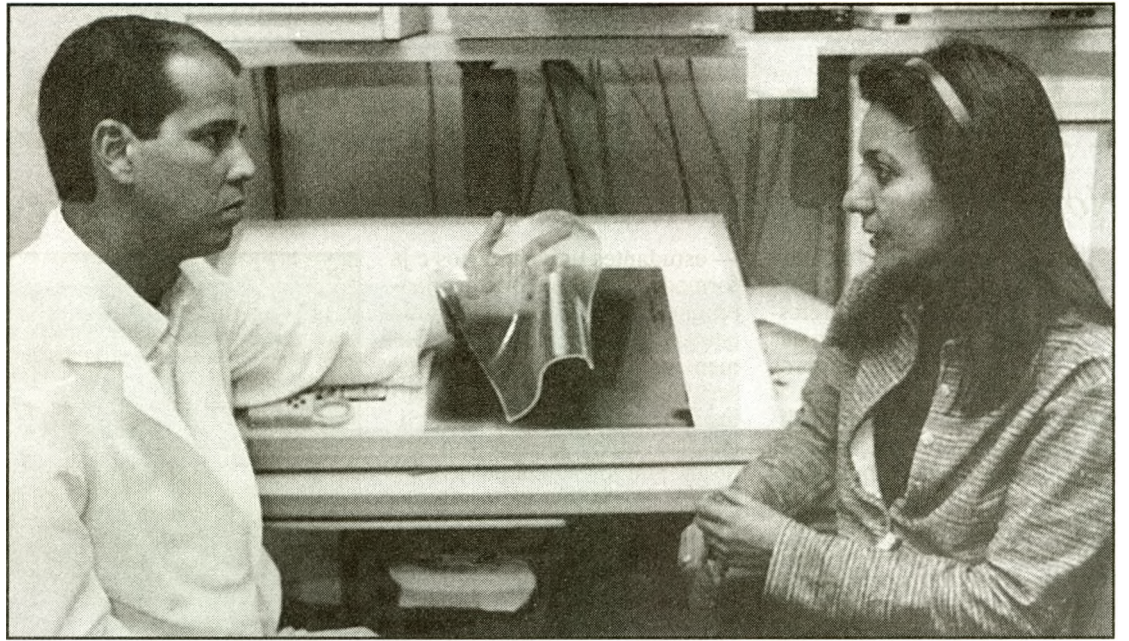
Um novo material à base de PVC desenvolvido por Karin Dias Salman, engenheira de materiais da Unicamp, está contribuindo para aumentar a eficácia da radioterapia em pacientes com tumores superficiais — que atingem a profundidade de até 3 cm da superfície do corpo. Há 18 meses, as placas de PVC, também conhecidas por *bolus* vinílico, vêm sendo utilizadas com excelentes resultados pelo Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), principalmente no tratamento do câncer de mama e de pele.

A formulação do *bolus* vinílico é o resultado prático da dissertação de mestrado "Desenvolvimento de poli(cloreto de vinila) - PVC para utilização na radioterapia de pacientes com câncer", defendida por Karin em agosto de 95, com orientação da professora Lúcia Mei, da Faculdade de Engenharia Química (FEQ)

da Unicamp.

Karin começou o trabalho em 1991 e, antes de chegar à fórmula definitiva do *bolus*, realizou um amplo estudo de plastificantes para conciliar alta qualidade e baixo custo. "Acabei optando pelo PVC porque, além de ter um custo muito baixo, o *bolus* vinílico absorve a radioatividade de forma idêntica à da pele humana. Daí sua eficácia na radioterapia", atesta.

Antes do desenvolvimento das placas de PVC, o Caism utilizava gaze ou cera para cobrir a área afetada pelo tumor e evitar que o pico da descarga radioativa atingisse tecidos saudáveis do paciente. Porém, a gaze e a cera eram materiais difíceis de moldar, não tinham transparência e deformavam com facilidade. A espessura constituía outro ponto crítico, já que não era possível manipulá-la. Já o *bolus* vinílico pode ser confeccionado com 4 milímetros a 1 centímetro de espessura, variando de acordo com a intensidade da radiação desejada.



Esteves e Karin: custo baixo e eficácia no uso radioterápico

**Eficiência garantida** — O radioterapeuta Sérgio Esteves explica que desde 1989 o Caism utiliza um acelerador de partículas atômicas para tratamento radioterápico. O equipamento emite raios de elétrons e fótons mais potentes que a descarga de cobalto dos aparelhos convencionais. "Com este equipamento, ao emitir os raios radioterápicos temos uma eficiência de 70% na camada superficial da pele, onde está o tumor, e 100% na camada mais profunda. Portanto, se não usarmos o *bolus* sobre a pele, a região afetada pelo câncer receberá uma radiação menor do que a região saudável do paciente", argumenta Sérgio.

Embora a eficiência do *bolus* vinílico já tenha sido comprovada, as indústrias mostram pouco interesse em produzi-lo em escala comercial. O baixo custo e a gran-

de durabilidade do material desestimulam os fabricantes. Desde que o *bolus* começou a ser utilizado no Caism, Karin tem produzido o material em laboratório montado na própria Unicamp a um custo aproximado de R\$ 40,00 por unidade. As placas à base de borracha existentes no mercado internacional — única alternativa para se obter a mesma eficácia do PVC — chegam a custar US\$ 105.

**Sem alterações** — A engenheira explica que, se for manuseado de forma correta, o *bolus* pode ser usado em 44 sessões radioterápicas sem sofrer qualquer tipo de alteração. Mesmo com essa grande durabilidade, ela afirma que não consegue suprir a demanda do Caism, que atende a 30 pacientes por mês com tumores superficiais. O *bolus* vinílico já foi patenteado no Instituto Nacional de

Marcas e Patentes.

Karin Salman continua a pesquisar novas aplicações para as placas de PVC. O alvo agora são as vítimas de queimaduras. Ela explica que, nesses pacientes, é necessário cobrir o local afetado com um material que não provoque irritações durante a cicatrização da lesão.

O único material existente no mercado hoje com essa finalidade é feito à base de silicone que, apesar de eficiente, apresenta um alto custo. Para solucionar o problema, Karin pretende desenvolver placas de PVC com espessura menor do que as utilizadas no tratamento radioterápico e com alto grau de permeabilidade para possibilitar a troca de gases entre a ferida e o ambiente. A intenção da pesquisadora é oferecer um material com um custo menor mas tão eficaz quanto o silicone. (P.C.N.)

## CULTURA

# Circo marca imaginário mineiro no século 19

*Fim da era de ouro foi culturalmente rica e pertenceu aos artistas populares*

Ainda há quem pense que a cultura mineira nos séculos 18 e 19 se resume à exploração do ouro como elemento que garantiu a riqueza do Estado no século 18. Engano. Hoje se sabe que as cidades, as vilas e os povoados de Minas Gerais tinham, com ou sem ouro, uma vida cultural bastante intensa.

A constatação é da historiadora Regina Horta Duarte, autora do livro *Noites Circenses — Espetáculos de Circo e Teatro em Minas Gerais no Século XIX*, publicado pela Editora da Unicamp. Circenses e ciganos, prestidigitadores e ilusionistas, alcaólatras, negros escravos fugidos e aquilombados e brancos são alguns dos personagens que, ao lado dos artistas, passam por sua investigação. Sua pesquisa toma como ponto de partida as notas de jornais da época, que lhe permitiram desenvolver uma avaliação do que representavam os espetáculos teatrais para os

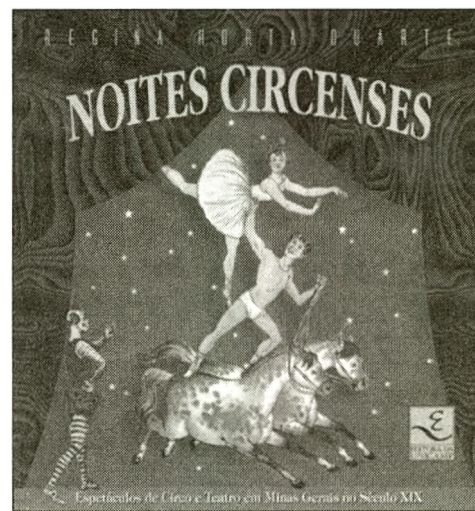
mineiros de então.

Para a pesquisadora, a historiografia das últimas décadas reforça tanto a idéia de riqueza das Minas do século 18 quanto a noção de uma economia decadente ao longo do século 19, tornando-se necessário avaliar a vida cultural oitocentista a partir das evidências de sua expressividade. Um desses momentos reside nas maifestações de teatro e circo, importantes por três motivos: frequência (dada a regularidade dos espetáculos); amplitude (atingindo um grande número de cidades e vilas em regiões diversas da província) e seu caráter decisivo no cotidiano dos habitantes das cidades e pequenos núcleos habitacionais. Segundo a pesquisadora, no século 19 a província de Minas Gerais foi um espaço percorrido por diversos grupos de pessoas.

A partir de jornais, livros de memórias, legislações, relatos de viajantes e obras literárias, pode-se observar a movimentação de comerciantes, índios, vagabun-

dos, bandidos, ciganos, artistas ambulantes de teatro e de circo. Quando um circo chegava a determinada cidade era motivo de festa, e o espetáculo era sempre intensamente divulgado pela imprensa do lugar. Destacava-se a apresentação, davam-se informações sobre a atuação da companhia e lamentava-se exaustivamente sua partida. Detalhava-se o teor das apresentações, o comportamento do público, a qualidade dos espetáculos — segundo parâmetros das cidades que os assistiam. Ressalta-se que os jornais, muito mais que um relato, acabavam sendo um elemento constitutivo do espetáculo: "atuavam na divulgação dos programas das companhias e o anúncio de sua chegada, traziam a crítica formadora de opiniões e de comportamentos — o que podia e o que não podia ser feito, dentro dos teatros de par com a maior espontaneidade permitida nos circos", explica a pesquisadora.

No entanto, a sociedade não via os artistas com bons olhos. Os



Tese da historiadora Regina Horta Duarte foi transformada em livro pela editora da Unicamp

habitantes tinham medo da destruição, da desestabilização e da barbárie que porventura pudessem provocar — mas também alegria com a presença dos artistas. "Havia uma interação entre medo e fascínio. Um alimentava o outro: não são sentimentos dicotômicos, mas indissociáveis", avalia Regina Horta.

Ao medo e à alegria se juntava o deslumbramento. "Seria muito simples pensar na mera coexistência dessas sensações entre os nômades — aqueles que se deslocam continuamente nas cidades — e os sedentários: temor e maravilhamento se enredavam nessa trama toda. Temia-se justamente a sensação explosiva e alegre, difícil de ser contida, assim como a incontrolável e prazerosa transformação da cidade", assinala a pesquisadora.

A chegada de um circo transfigurava o cotidiano das pessoas. Existia muito boato de criança; ou adulto que teriam fugido com cir-

cos, o que abria a fantasia de qualquer um. Com a entrada do "cartaz" — nome que se dava ao anúncio da noite de estréia — havia desfiles nas ruas, exibições ao ar livre, gritaria e disputa pelos ingressos gratuitos. Os artistas iam de casa em casa, de venda em venda, descrevendo o elenco, os números de cavalinhos e cães, o cabrito e o equilibrista. Ao mesmo tempo, uma pequena banda precedia o palhaço, montando um cavalo ou um burro, sentado de costas para a cabeça do animal. Atrás, as crianças enlouquecidas corriam, gritavam e assobiavam enquanto dialogavam com o palhaço o conhecido mote:

— Hoje tem espetáculo?  
— Tem, sim sinhô!  
— Oito horas da noite?  
— Tem, sim sinhô!  
— Viva a rapaziada!  
— Vivôôô...  
— E o palhaço, o que é?  
— É ladrão de muié...  
(A.R.F.)

## SEXUALIDADE 1

# Homens vivem crise de identidade

*Novo papel da mulher na sociedade ainda gera conflitos e instabilidade emocional*

Chamada “revolução sexual” na década de 60 e a crescente inserção das mulheres em profissões e campos antes reconhecidamente masculinos provocaram mudanças significativas na sociedade brasileira. Nos últimos 30 anos não só as mulheres mas sobretudo os homens tiveram que adotar novas posturas e assumir papéis que até então desconheciam.

Para a mulher, a tarefa, senão simples, foi de readaptação. Antes ela já se dividia entre a organização e os cuidados com a casa, consigo mesma, com os filhos e com o marido. Foi, portanto, com maior facilidade que assumiu também mais um papel, o de profissional, sem deixar, contudo, os tão arraigados cuidados anteriores. Para o homem, educado e habituado a exercer a valorizada função masculina de provedor financeiro do lar, as mudanças e a necessidade de novas posturas masculinas provocaram uma desestabilização e trouxeram uma “crise” de identidade sexual.

Buscando compreender os aspectos mais significativos da sexualidade masculina nas vivências de alguns indivíduos neste final de século, a psicóloga Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi desenvolveu a pesquisa de mestrado “A sexualidade e o ser: uma compreensão do vivenciar masculino”, orientada pelo professor Carlos Alberto Vidal França, da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp.

Segundo a psicóloga, são raros os trabalhos e livros que discutem a sexualidade masculina e seus significados psicológicos e sociais. Ao entrevistar homens

— estudantes universitários e já formados — com idades variando entre 20 e 37 anos, Virgínia percebeu a dificuldade dos homens em conceituarem o que é ser homem hoje. “Durante muitos anos o ‘ser homem’ esteve ligado ao ‘fazer’”. Quando um grupo de amigos se encontrava no boteco da esquina, as conversas giravam, por exemplo, em torno de mulheres, futebol e aumentos salariais. A maior ou menor prova de masculinidade estava diretamente relacionada ao número de mulheres conquistadas, aos gols marcados, ao aumento salarial obtido no emprego. Quanto mais ‘fizessem’, mais homens se sentiam e eram vistos assim”, lembra Virgínia.

Quando as mulheres passaram a desempenhar os papéis e ocupar posições em lugares tradicionalmente masculinos, o homem, perdendo o poder que antes lhe era conferido, vivencia uma crise de identidade. “Não há o ‘ser homem’, mas o ‘ser de poder’ que é denominado ‘masculino’ e, portanto, ao lhe faltar o instrumento de denominação social, o poder, perde também o sentido de sua própria identidade, baseada em referenciais externos de ações e não internos”, diz Virgínia.

Com as necessidades de reformulações nos papéis de gênero, surge o que a mídia tem chamado de “novo homem”. “Não sabemos ainda ao certo como esse novo homem, mais participativo de atividades domésticas, que lava roupas e troca fraldas, tem lidado internamente e afetivamente com essas mudanças”, constata Virgínia. “Por ora, podemos ver um excesso de machismo ou uma superfragilidade em alguns que



Virgínia: “masculinidade sempre esteve associada ao poder”

podem estar sendo respostas ainda inseguras àqueles conflitos”.

**Erros do passado** — Virgínia faz questão de salientar que seria um erro atribuir essas dificuldades à emancipação feminina. Para a psicóloga, as conquistas femininas apenas colocaram em evidência a fragilidade dos antigos e ortodoxos “papéis masculinos”. “O sistema educacional antigo propiciava a formação de machos e não de homens. Os garotos eram educados para sufocar e inibir os aspectos femininos. Quando as mulheres se equipararam aos homens, eles se desestruturaram e entraram em crise”, alerta.

A responsabilidade educacional recai também sobre as mulheres que, em última análise, enquanto mães, contribuem de forma significativa para a educação de seus filhos. O receio das mães

em criarem seus meninos como “bichas” está ainda muito presente. Depois de uma certa idade, as mães afastam os filhos de si e do mundo feminino, na maioria das vezes como uma reação abrupta àquele medo. Assim, eles aprendem a negar e a se afastar das mulheres para não serem ameaçados enquanto homens. Porém, anos mais tarde, eles terão que se relacionar sexualmente com as mulheres para provar sua masculinidade para si e para os outros. “Podemos então imaginar quão dolorosa e conflitiva, em termos emocionais, pode ser essa reaproximação do desconhecido”, diz a psicóloga.

Afastados do convívio feminino durante muitos anos, os garotos não sabem que atitude tomar diante da mulher. Eles se aproximam sexualmente mas um contato mais profundo pode gerar medo

de sucumbir ao poder feminino que, no início da vida, na figura da mãe, o dominava. “Assim, para assegurar que não se entregarão a esse poder, eles procuram meios de afastar-se da companheira. Podem surgir as amantes, os amigos ou as brigas constantes dentro de casa como pretextos para o afastamento”, esclarece.

Para Virgínia, não há uma situação ideal a ser atingida como resposta a esses conflitos de identidade. As mudanças ao longo do tempo assinalam a necessidade de reformulações constantes, como numa aventura. Ela aconselha a todos flexibilidade para encarar esses momentos como possibilidades de crescimento e mudanças e não como ameaças. O importante é que homem e mulher possam sempre se arriscar a encontrarem, juntos, formas de viver mais satisfatória e intensamente. (P.C.N.)

## SEXUALIDADE 2

# Tese traça perfil de sete funcionárias

*Objetivo foi avaliar influência do ambiente profissional na formação da identidade feminina*

Por dois anos e seis meses, Silvana Márcia de Moraes, psicopedagoga, investigou as formas como o ambiente profissional pode influenciar na formação da identidade feminina. Como universo de pesquisa, ela trabalhou com um grupo de sete mulheres — todas funcionárias da Unicamp — e seus respectivos filhos. O estudo, que resultou em sua dissertação de mestrado — “Sexualidade, família e trabalho: ouvindo um grupo de funcionárias da Unicamp” — apresentada à Faculdade de Educação (FE), concentrou-se basicamente no modelo de papel sexual que essas mulheres costumavam transmitir às filhas adolescentes.

Orientada pela professora Isaura Rocha Figueiredo Guimarães, Silvana começou sua pesquisa trabalhando com um grupo de 25 mulheres, para depois concentrar-se em apenas sete, todas com perfil característico: mães com idade em torno de 30 anos, renda familiar abaixo de cinco salários mínimos, o nível de escolaridade

até o 2º grau, e que usam os serviços educativos da Universidade (creche, pré-escola, serviço de apoio e primeiro grau). Outro requisito é que fossem funcionárias da Unicamp há pelo menos oito anos e que tivessem filhas adolescentes. Algumas são mães-solteiras, outras se casaram e separaram-se, ou ficaram viúvas, mas todas, segundo a pesquisadora tem o ponto comum de arcarem com a responsabilidade exclusiva de educação dos filhos e de manterem o controle absoluto da família, assim como o seu sustento.

O objetivo do trabalho foi o de investigar as mudanças que podem ocorrer na identidade dessas mães-funcionárias, pelo fato de estarem freqüentando uma instituição de nível universitário, que dá certo *status*, e também pela oportunidade de poder expressar aos filhos o reflexo de seu trabalho na Unicamp.

**Reprodução de modelos** — “Procurei desenvolver uma análise psicossocial dos relatos das mães para traçar o perfil do grupo e poder observar o nível de sua

inserção no mundo do trabalho numa instituição como a Unicamp”, explica Silvana. Nesse contexto, verificou que a sexualidade é um assunto denso e abrangente dentro de todo o universo pesquisado. Talvez por isso, nem todas as mães têm coragem — ou informação o bastante — para falar de sexo com suas filhas, principalmente as adolescentes. Mesmo com toda a carga de informação que possam obter por trabalhar num ambiente como a Unicamp, poucas são as mulheres que falam de sexo aos filhos. Verificase que normalmente a mãe orienta sexualmente a filha “de acordo com o que aprendeu em sua história de vida”, ressalta Silvana.

No entanto, a pesquisadora adverte que as informações aprendidas pela mãe — pelo menos no ambiente profissional, “onde há um discurso diferente do meio em que foi criada” — nem sempre são interiorizadas pelas adolescentes. Por exemplo, quando a mãe fala de sexualidade para a filha, fala de forma projetiva. Ou seja, tenta educar a filha dentro de um conceito cultural transfor-



Silvana: mães transmitem o que aprenderam no dia-a-dia

mado, de forma a orientá-la mais para a autonomia e a realização profissional pessoal, e não apenas respondendo a solicitações e desejos do outro. “Acontece que quase sempre as mulheres procuram inovar na orientação de suas filhas, mas acabam, talvez involuntariamente, reproduzindo o modelo de mulher tradicionalmente romantizado pela sociedade”, diz a pesquisadora.

Com isso, verifica-se uma série de diferenças significativas nas informações dadas e recebidas quando as mães falam das três gerações (avó, mãe e filha). Isto é, ao mesmo tempo em que as mães pesquisadas assimilam e compreendem os estímulos oferecidos pelo ambiente universitário,

não conseguem introjetar essas idéias e conceitos de maneira profunda e eficaz, refletindo-os mais na fala do que propriamente nas atitudes. Dizem, por exemplo, que é importante aprender, estudar nas escolas da Unicamp, mas também elas, as mães, não acreditam nesse seu discurso. Segundo Silvana, as mães têm um discurso característico: “Aproveitem a oportunidade de estudar que a Unicamp está lhe dando através do meu trabalho e não faça de sua adolescência um caminho para a escravidão”. O que vale dizer, conforme a pesquisadora, que a adolescente tem que trabalhar para sustentar o seu filho, que porventura possa ter, assim como provavelmente aconteceu com sua mãe. (A.R.F.)

## SOFTWARE

# Unicamp se destaca em concurso

Alunos do Instituto de Computação ganham etapa brasileira e saem-se bem em maratona internacional

O Instituto de Computação (IC) da Unicamp já está se preparando para sediar, em novembro deste ano, o 2º Concurso Nacional de Software, considerado um importante evento de ciência da computação por promover a disputa entre os melhores alunos de graduação e de pós-graduação do país nessa área. A tarefa deles não é das mais simples. Os competidores devem encontrar soluções para intrincados problemas, através de programas a serem elaborados no menor tempo possível. No final, a equipe vencedora ultrapassa as fronteiras entre países e participa de uma maratona nos Estados Unidos, confrontando-se então com os melhores do mundo.

A equipe da Unicamp, já veterana nessa modalidade de competição, é formada pelos alunos Alexandre Volpim e André Augusto Cesta, ambos do curso de graduação em engenharia da computação, além do pós-graduando Alexandre Oliva (ciência da computação). Em novembro último eles derrotaram as dez equipes brasileiras da maratona de programação durante o 1º Concurso Nacional de Software Universitário, realizado em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais.

A competição seguinte aconteceu há pouco mais de um mês, quando pela primeira vez uma equipe da Unicamp participou da Maratona Internacio-



Ricardo Anido, à direita, e a equipe da Unicamp: qualidade do nível de ensino

nal de Programação, realizada em San José, Califórnia (EUA). Os representantes brasileiros conquistaram menção honrosa, também atribuída a equipes de universidades norte-americanas, européias e orientais. O evento é promovido pela Sociedade Americana de Computação, que existe há 50 anos. A competição foi acirrada e muito bem organizada. Animados com a participação, os alunos já pensam na final mundial de Atlanta, em 1998.

**Desempenho** — Técnico da equipe e diretor associado do IC, o professor Ricardo Anido não mede esforços ao treinar os alunos para uma maratona, o

que acaba refletindo no desempenho dos rapazes durante a prova. Por exemplo, no concurso nacional eles resolveram três de um conjunto de seis problemas de programação e, ainda no decorrer da etapa, professores de outras universidades participantes já percebiam que o primeiro lugar ficaria com o time da Unicamp. O segundo lugar coube à equipe da Universidade de Brasília (UnB), enquanto a terceira colocação ficou com a Universidade de São Paulo (USP).

“A pontuação atesta a qualidade do nível de ensino do IC”, comenta Anido. André concorda e diz que o preparo da equipe tem como âncora o

bom nível teórico do ensino no IC. Para a competição nacional o preparo da equipe durou cinco semanas, enquanto para a maratona norte-americana, que reuniu as 50 melhores equipes dentre mil times do mundo, o treino aconteceu nas férias de fim de ano. “Treinamos pelo menos cinco horas por dia, que é o tempo de duração da maratona, na qual os times recebem sete problemas para serem resolvidos em cada dia de competição”, relata Volpim.

**Atacando os problemas** — O treinamento dos alunos para as competições consta de conhecimento de base teórica, si-

mulações de problemas de competições anteriores obtidos através da Internet, além da integração da equipe para melhor estabelecer estratégias de como atacar os problemas, explica Anido. “Em algumas simulações eles têm se saído muito bem. Algumas vezes superaram as equipes que melhor resolveram determinado problema”.

Um dos mais complicados problemas que caíram nas mãos da equipe da Unicamp, exigiu uma hora para sua solução. Em síntese, eles receberam a planta de uma casa e a indicação de onde estavam os interruptores de cada cômodo e quantas luzes cada interruptor poderia controlar. Os alunos precisavam então desenvolver um programa que indicasse qual seria a seqüência que uma pessoa deve percorrer pelos cômodos da casa, da porta de entrada até determinado quarto, sendo que inicialmente todas as luzes estariam apagadas e no final o indivíduo teria que apagar todas as luzes, sem nunca andar no escuro.

Além de resolver o problema para qualquer casa — e se não fosse possível, deveria detectar o fato — o programa deveria fornecer o caminho a ser percorrido no menor número possível de cômodos. Para encontrar a solução deste e de outros problemas, a equipe da Unicamp segue um esquema nas maratonas: primeiro, ler os problemas, depois resolver os mais fáceis, testar os resultados e, se for preciso, refazer as questões. (C.P.)

## EMPREGO

## Alunos já contam com serviço *on line*

Unicamp e IBM criam banco de oportunidades pela Internet. Consultas chegam a 15 por dia

Procurar estágio ou emprego agora ficou mais fácil para os alunos e até mesmo os profissionais egressos da Unicamp. É que uma nova forma de interação entre empresas e o corpo discente entrou em operação através do *site* da Universidade na Internet, agilizando o processo de oferta-procura em substituição aos cartazes afixados em murais do campus, pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE). Trata-se do projeto “Oportunidades On Line”, para o qual a IBM cedeu para a fase piloto uma nova tecnologia desenvolvida juntamente com técnicos do Centro de Computação da Unicamp (CCUEC).

Em operação desde novembro último, o serviço pode ser acessado pelo *link* <http://www.unicamp.br/sae>, onde se encontram as possibilidades de recrutamento. Diariamente são realizadas cerca de 15 consultas, bastando para isso que o aluno se identifi-

que através de seu registro acadêmico (RA) e do número da carteira de identidade. Por exemplo, para um aluno ou egresso do curso de engenharia de computação existem atualmente duas ofertas para estágio e emprego na área de desenvolvimento de software orientado a objeto, numa importante multinacional que oferece plano de benefícios, remuneração competitiva e possibilidades de carreira.

**Empresas** — O projeto está integrado à Diretoria Acadêmica da Universidade, que disponibilizou informações sobre todos os alunos já matriculados na Unicamp. Para as empresas é um aspecto importante do projeto, enquanto garantia de estarem direcionando suas vagas para uma instituição que possui tradição em relações com o meio industrial desde sua formação há 30 anos. Atualmente existem junto ao SAE 600 empresas de diferentes áreas cadastradas e que oferecem oportunidades va-

riadas para os alunos. Gradativamente elas estão se recadastrando e inserindo suas ofertas de vagas na rede, sempre com o acompanhamento do SAE.

As empresas interessadas no projeto devem entrar em contato com o SAE (SAE000@turing.unicamp.br), recomenda a analista de sistemas Yara Maria Pinto, do CCUEC, que trabalhou no desenvolvimento da tecnologia aplicada ao projeto. Porém, é necessário assinar um contrato com o SAE para ter direito a uma senha que permitirá à empresa difundir a existência de sua vaga através desse serviço, explica Fátima Pires, também analista de sistemas do CCUEC e que trabalhou no projeto sob a supervisão da gerente de Desenvolvimento de Sistemas, Nelma Magdalena.

**Tecnologia** — O projeto permite que as informações sejam disponibilizadas na Internet com segurança, através de novas



Yara e Fátima, do Centro de Computação: serviço

tecnologias no que se refere a desenvolvimento de sistemas, interação em base de dados via *web* e novas interfaces homem-computador, diz Fátima. Num primeiro momento a empresa é que mostra o que pode oferecer. Futuramente, o aluno poderá incluir seu currículo de forma institucional. O

próximo passo, no entanto, será disponibilizar o perfil do aluno formado, de acordo com o curso e onde ele pode atuar. Essas informações serão fornecidas pela DAC, o que permitirá que as empresas vejam o que a Unicamp tem a oferecer para o mercado de trabalho. (C.P.)

## PEDIATRIA 1

# FCM inova no controle de crescimento

*Software apresenta vantagens e passa a estar disponível no site da Unicamp*

O site da Unicamp na Internet dentro em breve irá dispor de um *link* através do qual especialistas de diferentes áreas, em qualquer país, poderão acessar e testar o programa *Growth* (Sistema de Análise de Dados Antropométricos). Desenvolvido pelo médico André Moreno Morcillo, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade, o software é destinado a investigações de crescimento infantil e apresenta inovações em relação às ferramentas similares. Entre suas principais vantagens está a eliminação da calculadora e de tabelas que indicam o desenvolvimento de uma criança.

A idéia de desenvolver o programa surgiu em decorrência das próprias necessidades no dia-a-dia dos serviços médicos brasileiros, que diferem da realidade dos países desenvolvidos. Especialistas em crescimento, Morcillo, a endocrinologista Sofia Helena Valente de Lemos Marini (Unicamp) e Luis Manuel Guimarey (Hospital de Niños de La Plata, Argentina) criaram há três anos a primeira versão do

*Growth* para ambiente DOS. As perspectivas de uso do programa levaram a equipe a desenvolver, no último ano, a versão para ambiente Windows, que é mais dinâmica e agradável de se trabalhar, diz o especialista da Unicamp.

**Menu** — Simplicidade de operação e agilidade nos resultados são duas características que o *Growth* apresenta, tendo como porta de entrada uma espécie de ficha médica na qual o profissional em seu consultório digita os dados pessoais, peso e altura da criança a ser investigada. “O software é capaz de fazer uma avaliação global dos dados e indica qual deveria ser a altura e o peso ideais. O índice de massa corporal, outra técnica que avalia o peso de acordo com a altura, também é indicado pelo programa, que apresenta ainda uma avaliação nutricional da criança”, descreve Morcillo.

Pelo *Growth* — que explora principalmente a idade óssea e a altura final de uma criança, o que o diferencia de programas similares — profissionais que acompanham o desenvolvimento infantil (por exemplo, professores de educação física, nutricionis-



**Morcillo: software elimina tabelas e agiliza o trabalho**

tas, pediatras e biólogos) têm em mãos um gráfico que mostra de forma simples os indicadores de altura por idade, peso por idade e peso por altura.

Outra peculiaridade dessa ferramenta é apresentar o canal de crescimento ou altura-alvo, método bastante explorado pelos pediatras brasileiros. Através

dele, o médico inclui os dados dos pais para obter a indicação da altura média esperada para a criança, com alguma variação. “Além disso, o *Growth* apresenta três técnicas de previsão de altura final, que demorariam muito tempo para ser calculadas sem o uso do programa”, comenta Morcillo.

**Base de dados** — Uma vez que apresenta os resultados de forma automática e informatizada, facilitando o trabalho do especialista em crescimento, o programa pode ser usado não apenas para análise de casos individuais como também de grupos de crianças, requerendo apenas que os dados sejam arquivados e posteriormente inseridos em planilhas. Os resultados podem ser analisados conforme o peso, a altura, a idade ou o sexo de um grupo de crianças.

Segundo Morcillo, a versão inicial para DOS encontra-se disponível no Núcleo de Informática Biomédica (NIB) da Unicamp para ser testada em consultórios médicos. A outra versão está sendo usada na Argentina, no serviço médico de Guimarey, que trabalhou no Hospital das Clínicas da Unicamp durante quase 10 anos. Conforme os especialistas vão indicando suas dificuldades, o programa será readaptado. (C.P.)

## PEDIATRIA 2

## Dor do recém-nascido ganha história clínica

*Tese de doutorado compara procedimentos de pediatras com formação em períodos distintos*

A manifestação da dor no recém-nascido pode ser percebida de várias maneiras, entre elas o choro persistente e a retração ou contração de membros ou da face. Entretanto, dada a complexidade do organismo do bebê, às vezes o episódio da dor no recém-nascido passa despercebido ou até mesmo ignorado pelos pais ou pediatras.

Além da observação subjetiva dos sinais e sintomas que podem apontar para a ocorrência da dor em recém-nascidos há, hoje em dia, uma série de possibilidades de percepção da dor, como alterações respiratórias e de saturação de oxigênio em bebês gravemente doentes. A manutenção dessas crenças e a falta de objetividade na observação dos recém-nascidos têm levado, muitas vezes, ao subtratamento da dor nesses bebês.

Durante mais de três anos o médico pediatra Carlos Roberto Soares Freire de Rivoredo, docente da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, investigou a dor em recém-nascidos e as atitudes dos médicos neonatologistas em relação ao

problema. O trabalho transformou-se na tese de doutorado intitulada “Por uma história da dor: mentalidades médicas, neonatologistas e a dor em recém-nascidos”, defendida recentemente junto à FCM. Nela o médico centraliza sua pesquisa em pensamentos e discursos de proeminentes neonatologistas brasileiros sobre a dor em recém-nascidos sob o ponto de vista da história.

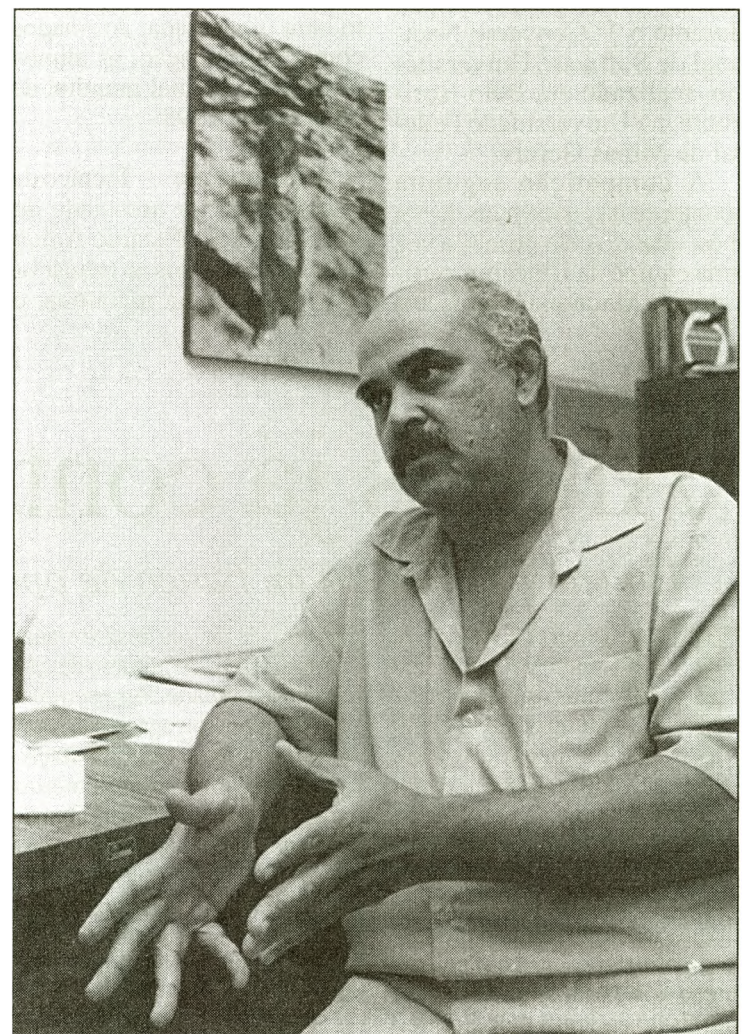
O pesquisador faz uma revisão teórica da tentativa de delimitar a noção de mentalidades coletivas, isto é, formas coletivas de pensar sobre as coisas e as pessoas e sua utilização para pesquisa em saúde, procurando desenvolver uma possível história da clínica da dor que se completa com uma análise temática de documentos escritos e a partir de depoimentos dos neonatologistas investigados.

“A partir das últimas duas décadas houve um movimento de especialização acentuada na pediatria e terminou por determinar a criação de “unidades de cuidados” especializados para recém-nascidos. Isso provocou a emergência do neonatologista na verdade um superespecialista”, explica Rivoredo. Para desenvolver sua pesquisa ele selecionou

dois grupos de pediatras, um com mais de vinte anos e outro com menos de vinte anos de prática.

**Sobrevida** — Como resultados Rivoredo pôde perceber, no primeiro grupo, uma preocupação tecnocientífica predominante em comparação com o segundo grupo, que apresenta preocupações com aspectos emocionais e afetivos. “Revelam sobretudo cuidados sensivelmente mais humanos, mais psicossociais, chegando mesmo a manifestar precaução com certos procedimentos dos próprios berçários, como o excesso de luz e ruído a que se submetem os recém-nascidos”, revela o pesquisador. Essas preocupações denotam uma mistura de elementos da vida social com conhecimentos técnicos, incluindo um pouco de filosófico. “É da máxima importância saber, por exemplo, quem é esse pequeno ser que está recebendo o cuidado, qual é o seu universo e para onde ele se dirige”, diz o médico.

Na avaliação de Rivoredo, a abordagem da dor em recém-nascidos está num processo de mudança histórica, ou seja, “uma especialidade ainda recente em nosso meio que apresenta certa preocupação com a dor nesses



**Rivoredo: a neonatologia como uma superespecialidade**

bebês, o que não ocorria quando do início da neonatologia entre nós”, explica. O estudo mostra ainda que a causa dessa mudança não está apenas na aquisição de novas tecnologias para diagnóstico da dor, mas também, e principalmente, “na mudança de mentalidade em relação ao recém-nascido e seu corpo”, isto é, na mudança das atitudes em relação aos bebês.

Tal mudança se revela numa crescente valorização da sobre-

vida dos recém-nascidos, fato cada vez mais comum e evidente, o que leva a uma valorização maior dos fenômenos do corpo, entre os bebês e a dor. Contudo, o mesmo olhar, ditado pelos médicos e oriundo de dois séculos de prática e conhecimento médico, persiste dando o tom das relações entre médicos (no caso, os neonatologistas) e o objeto de sua prática, o corpo humano (no caso, o recém-nascido) que sofre dor. (A.R.F.)



## ASURINI

# Vídeo recupera rituais do Xingu

*Tribo utiliza pesquisa acadêmica na preservação da própria cultura*

## Amarildo Carnicel

**A**s pessoas que defendem a tradição e a preservação ortodoxa dos usos e costumes indígenas que desculpem os asurini, mas tecnologia é fundamental também na taba. Pelo menos é o que ficou claro em janeiro deste ano quando a antropóloga e diretora do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, Regina Müller, esteve às margens do Rio Xingu, no Pará, apresentando aos nativos os vídeos *Saforai* e *Ritual das Flautas* produzidos na própria aldeia e que integram o projeto "Do ritual indígena à performance artística".

O retorno dessas produções à comunidade, seguido das impressões dos membros da tribo, gerou o material para a realização do terceiro vídeo, *Morayngava*, que completa a trilogia proposta no projeto inicial. Os asurini perceberam a importân-

cia do vídeo, enquanto veículo de transmissão de cultura, e sugeriram a realização de um novo registro: o do ritual de iniciação de um pajé. A intenção é preservar a existência de líderes espirituais para proteger a tribo de doenças e outras privações.

Com 18 minutos de duração e lançamento previsto para maio próximo, *Morayngava*, produção realizada conjuntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), apresenta mediante depoimentos de membros da tribo uma espécie de paralelo entre o xamã (pajé) e o registro videográfico. Para os asurini, o xaman, através da narrativa, transforma suas visões em algo real. O vídeo, como ferramenta tecnológica, converte a imagem dinâmica em ação real, acreditam.

"Enquanto assistiam *Saforai* e *Ritual das Flautas*, os índios, surpreendentemente, se deram conta do valor do registro das imagens enquanto objeto de preservação de memória e transmissão de cultura", afirma a antro-



Regina Müller: vídeos mostram o corpo em movimento

póloga. Segundo ela, esses índios, por iniciativa própria, em apenas dois dias, se organizaram e prepararam o ritual de iniciação ao xamanismo. "Eles não podiam deixar escapar a oportunidade de registrar este fato para transmitir aos membros futuros da tribo como se dá o processo de criação de um pajé", afirma.

Por esse aspecto *Morayngava*, que na língua asurini significa "desenho das coisas", superou as expectativas. No projeto inicial, o roteiro previa a exibição dos dois vídeos com questões formuladas aos asurini e comentários espontâneos a partir das imagens. "O surgimento de um material bastante rico para a realização de um terceiro vídeo, ou seja, o registro de um ritual, foi um des-

dobramento que não estava previsto", diz a antropóloga.

**Corpo em movimento** — O vídeo que completa a trilogia serve como técnica de pesquisa para investigação sobre a experiência sensorial na transmissão de conhecimento, os aspectos constitutivos do processo de construção de sentidos na situação interétnica e a relação entre mecanismos informais de socialização e educação formal. Regina acredita que *Morayngava* deva fazer o mesmo circuito de *Saforai* e *Ritual das Flautas*: os vídeos vem sendo apresentados em seminários e mostras nacionais e internacionais, como o *Amazon Week*, nos Estados Unidos e na Mostra do Instituto Cul-

tural Brasileiro, na Alemanha.

Os três vídeos, como fruto de um projeto interdisciplinar mais amplo de pesquisa, convergem para o objeto principal da pesquisa: o corpo em movimento. Daí a idéia do nome *Saforai*, que na língua dos asurini do Xingu quer dizer "convite à dança". Com 23 minutos de duração, apresenta as marcas formais do discurso não-verbal. Mostra alternância de ações do movimento, como enfrentamento, resistência, ataque contido e equilíbrio nas relações com os espíritos. O trabalho, dirigido por Regina Müller, foi realizado pelo Departamento de Artes Corporais (Daco) e teve apoio Cultural do Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE) da Universidade de Brasília (UnB)

*Ritual das Flautas*, com 34 minutos de duração, é um documentário etnográfico. Suas imagens descrevem os rituais *turé*, *tauva* e *maraká*, o cotidiano, as atividades, os espaços (aldeia e casa) e as relações com o branco. O roteiro está baseado nas reflexões da pesquisa realizada, cuja síntese é o ritual como manifestação estética que atualiza relações míticas, sociais e históricas. O fio condutor do vídeo é o ritual, cujas imagens aparecem intercaladas com aspectos da vida social asurini, comunidade que a partir de 1971 passou a ter contato com o branco. Hoje, após um violento decréscimo populacional ocorrido nesta época, os asurini vêm se recuperando demograficamente, contando atualmente com 85 indivíduos.

## DESIGN GRÁFICO

# Aspecto visual reflete organização de empresa

*Pesquisa avalia a importância dos programas de identidade institucional*

**O** consumidor nunca mereceu por parte das empresas a atenção que vem recebendo nos dias de hoje.

A escassez de dinheiro faz com que o cidadão pense duas vezes antes de adquirir um serviço ou produto. O mercado torna-se cada vez mais competitivo e a sobrevivência da empresa depende da manutenção e da ampliação do público-alvo, ou seja, o consumidor. Para que esse objetivo seja alcançado, o empresário deve investir em diferentes frentes, dependendo do setor em que atua. Entretanto, há uma preocupação — a imagem institucional — que deve merecer especial atenção por parte do empresário, independentemente do ramo de atuação. É o que propõe o professor de programação visual e computação gráfica, Francisco Carneiro da Silva Filho, que destaca a importância do desenvolvimento nas empresas de um programa de identidade visual.

Com a orientação do professor Julio Plaza González, Fran-

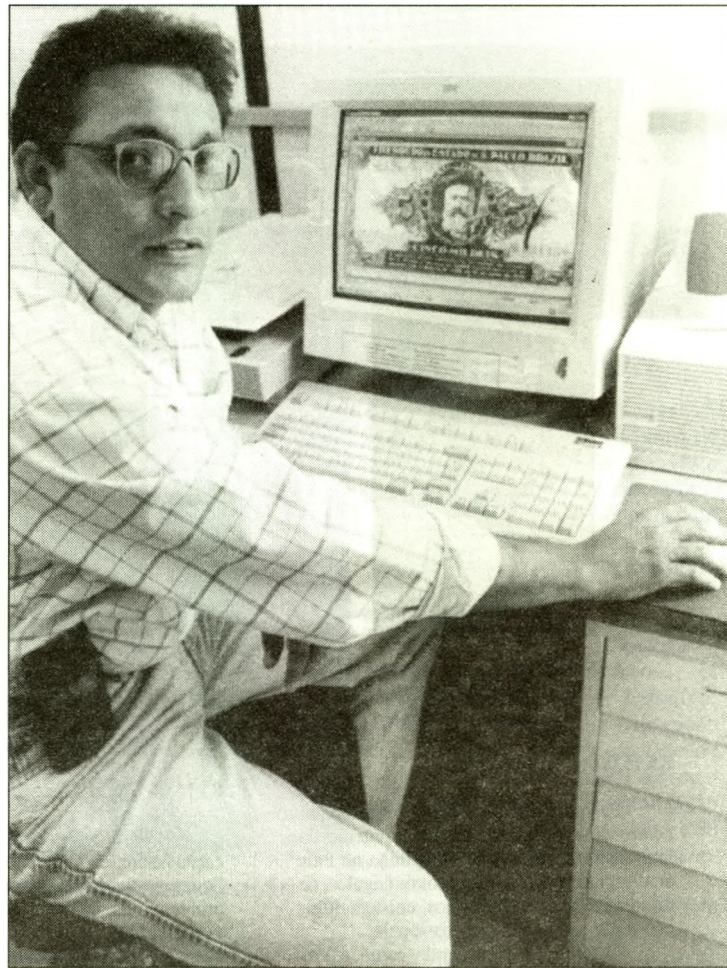
cisco defendeu a dissertação de mestrado "Identidade visual: do signo gráfico na imagem institucional". Desenvolvida no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, a pesquisa procura analisar o signo gráfico a partir de sua importância em um programa de identidade visual corporativa. Segundo o pesquisador, um trabalho dessa natureza tende a constituir-se em elemento norteador de todas as ações de planejamento de uma empresa.

**Indagações** — O pesquisador desenvolveu seu trabalho a partir de algumas inquietações. Que metodologia deve ser usada para embalar uma instituição? Basta a definição de um nome de comunicação ou de um logotipo? Para o pesquisador o programa por ele proposto constitui-se num sistema cuidadosamente projetado de todos os elementos visuais que servem de ponto de contato com o público.

Francisco afirma que a empresa preocupada com a identidade institucional apresenta quatro signos gráficos: signo de co-

mando que se mostra em forma de logotipo; famílias de letras e tipos padronizadas para a comunicação de todas as mensagens visuais; as cores-padrão e, finalmente, a fusão desses signos. A empresa, segundo o pesquisador, nunca pode perder de vista três atributos: a realidade institucional, ou seja, sua essência; a identidade, caracterizada pela forma como a organização se apresenta publicamente; e a imagem da instituição, ou seja, a forma como ela é interpretada pelo público em geral.

O estudo aponta também que a essência de uma instituição pode estar refletida em seu estado visual caótico. Ele cita, por exemplo, que a reprodução de um logotipo sem respeitar os parâmetros definidos denota o grau de desorganização da empresa e a conseqüente preocupação com sua gestão administrativa. "O logotipo de uma empresa deve ser sempre o mesmo, independentemente do local aplicado, seja na fachada do prédio, seja na porta do veículo ou num papel timbrado", afirma o pesquisador.



Francisco Carneiro: mensagens através do signo gráfico

O pesquisador considera o signo gráfico como um elemento conciliador de todas as mensagens de identidade emitidas por uma determinada organização. Essas mensagens podem se apresentar no comportamento do corpo institucional como um todo, nas formas de negociação, no tratamento direto ou indireto com o público-alvo e até na forma como o funcionário se veste e atende o telefone.

As empresas devem ter um manual de identidade visual que é a síntese do planejamento da visualidade institucional. Não por acaso as multinacionais apre-

sentam a mesma identidade, esteja ela instalada no Brasil ou na China. Organizações no ramo de *fast-food*, por exemplo, ao estabelecer essas normas, dão muita ênfase para a utilização das cores. Nesse setor, o vermelho e o amarelo predominam. O amarelo, pela leveza, tende a estimular o apetite. O vermelho associa à idéia de explosão, agride a retina e irrita o consumidor. Essas cores fazem a conveniência do *fast-food*: alimentação rápida e a cessão do lugar para o próximo cliente, com um olho no alimento e outro no relógio. (A.C.)

## FALECIMENTO

## DEBRUN

**Unicamp perde o filósofo da identidade nacional. Da geração posterior a Sartre, Michel Debrun veio para o Brasil em 1957**

## Eustáquio Gomes

**A**pós hospitalização de três semanas, vítima de um acidente vascular cerebral, morreu no último dia 9 de março, aos 75 anos, o filósofo Michel Debrun, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 1970 e ex-aluno da École Normal Supérieure de Paris, no tempo em que lecionava nessa instituição o filósofo Jean-Paul Sartre.

No Brasil desde 1957, Debrun foi pesquisador da Fundação Getúlio Vargas e professor de filosofia e sociologia no antigo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), ao lado de Hélio Jaguaribe e outros intelectuais que

se propunham, na época, formular um projeto para o país na esteira do governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Foi também perito da Unesco em planejamento educacional no Brasil e no Irã (1968-70) e, a partir de 1970, professor de filosofia política e epistemologia das ciências humanas na Unicamp.

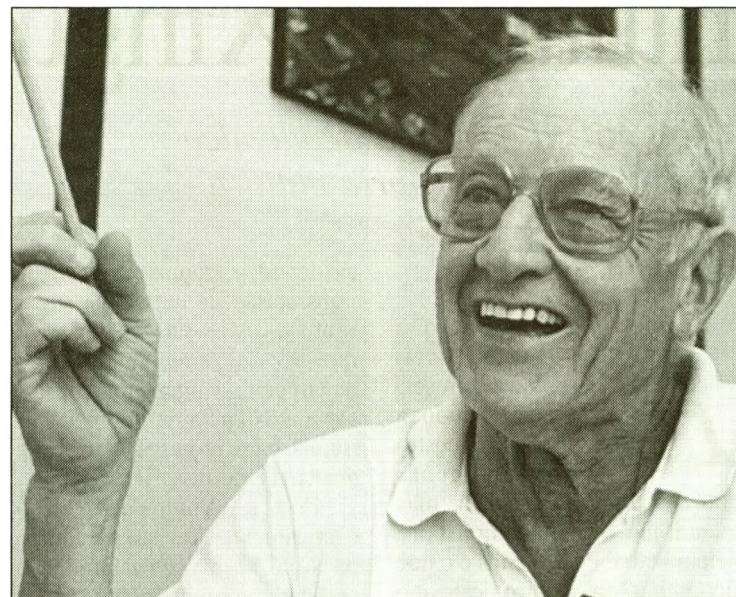
Após sua aposentadoria em 1988, tornou-se professor emérito da Unicamp e deu continuidade a suas linhas de pesquisa — destacando-se seus estudos sobre a questão da identidade nacional e mais recentemente sobre o processo de globalização das economias — junto ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da própria Universidade.

Debrun foi autor dos seguintes livros: *Ideologia e Realidade*

(1959), *O Fato Político* (1959), *A Conciliação e Outras Estratégias* (1983), *Auto-organização e Estudos Interdisciplinares* (em co-autoria com Maria Eunice Gonzales e Osvaldo Pereira Jr.) e *Gramsci: Filosofia Política e Bom-senso* (no prelo).

Para o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro, que conviveu com Debrun na Unicamp nos anos 70, ele “dominava inteiramente a história política e os pensamentos brasileiros, e conseguiu ver como ninguém as continuidades da nossa formação ideológica”.

Segundo o historiador Carlos Guilherme Mota, da Universidade de São Paulo, Debrun “deixou livros da maior relevância, com pensamento original. Deixou sobretudo um exemplo de postura crítica, heterodoxa, estudiosa e inquieta”.



Michel Debrun, falecido em 9 de março último

## Excertos

Em fevereiro de 1991 Michel Debrun concedeu longa entrevista ao **Jornal da Unicamp**, em que expunha algumas de suas preocupações intelectuais dos últimos anos, em sua maioria ligadas ao Brasil e aos brasileiros. A seguir, alguns trechos dessa entrevista.

## Brasil

Meu interesse pelo Brasil começou em meus tempos na École Normal Supérieure, na Paris dos anos 40. Lembro-me que nessa época eu era atraído pela imensidão do Brasil e pelo colorido de sua heterogeneidade cultural e étnica. Tinha, é claro, a visão folclórica e condescendente típica do europeu. Assim mesmo o meu interesse era abrangente, indo da geografia

até a história e a política, passando pela economia e a sociologia. A aura de fascínio aumentou quando vi, em 1954, o filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto.

## Identidade

Aqui a esfera pública culmina na festa, mediada pela televisão, em que o saber recíproco sublima-se num ver recíproco. Seja porque os múltiplos carnavais locais podem se olhar uns aos outros, seja porque a tensão de cada indivíduo, quando de um jogo da Copa do Mundo, se projeta sobre o pano de fundo de um imenso rumor de espera, alegria ou sofrimento emanado de todos os pontos do Brasil.

## Fisiologia

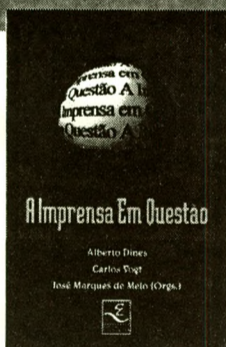
Perguntava-me então: que país é este, que pode abrigar tais oposições, intra-individuais ou intragrupais? A resposta provavelmente deve ser buscada na longa duração brasileira, nos mecanismos de denominação que,

desde as origens, se reproduzem em *feed-back*. E que, até hoje, tem deixado como única opção, aos grupos dominados e às elites dissidentes, escolha — ou melhor, a oscilação — entre a acomodação (daí a filosofia) entre o que chamamos “estrutura brasileira de autoridade”, e a tentativa de volta por cima, de quebra radical do sistema.

## Telenovelas

Não se pode negar o significado da comunhão que se estabelece em torno dos televisores e que não diz respeito somente ao conteúdo das novelas, mas sobretudo ao fato de que milhões de brasileiros podem falar entre si do que ocorreu no episódio da véspera. Você viajou do Rio a Belém e perdeu o último capítulo. Em Belém vai ter com quem recuperar esse capítulo. Uma narração, com inúmeros narradores, se espalha através do país. O Brasil se reúne a si próprio.

## lançamentos

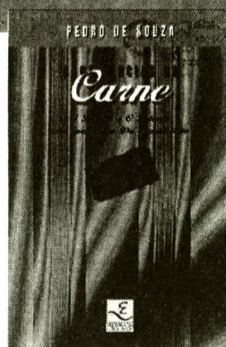


**A IMPRENSA EM QUESTÃO**  
Alberto Dines, Carlos Vogt e José Marques de Melo

R\$ 15,00 190 páginas

Personalidades de papel fundamental dentro do processo de desenvolvimento da imprensa e da formação de opinião no País analisam a imprensa, por todos os ângulos, de diferentes lugares filosóficos, epistemológicos, políticos, sociais e profissionais.

O leitor ficará sabendo como o jornalismo brasileiro é visto por correspondentes estrangeiros, empresários, corporações, anunciantes, consultores, sociedades política e civil e pelos críticos.

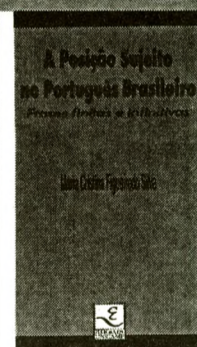


**CONFIDÊNCIAS DA CARNE**  
O Público e o Privado na Enunciação da Sexualidade  
Pedro de Souza

R\$ 15,00 126 páginas

*Confidências da Carne* é uma publicação na área de lingüística, em que Pedro de Souza se fundamenta em pesquisa sobre o problema da constituição e expressão da subjetividade na história do movimento de afirmação homossexual na década de 80 para compreender, sob o aspecto discursivo, como os indivíduos são feitos ou inventam formas de se tornar sujeitos de sua sexualidade.

Souza elegeu a análise do discurso e a filosofia de Foucault para questionar até que ponto o sujeito é livre ou determinado nas diversas práticas discursivas.



**A POSIÇÃO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**  
Frases Finitas e Infinitivas  
Maria Cristina Figueiredo Silva

R\$ 18,00 202 páginas

O objetivo desta obra é abordar as posições possíveis para o sujeito realizado de frases finitas ou infinitivas em português brasileiro, bem como o esforço para elucidar quais são os meios utilizados por essa língua para garantir a interpretação adequada a seus sujeitos nulos.

O interesse do estudo está ligado ao caráter particular do português brasileiro diante das outras línguas românicas.



**VITAL BRAZIL E O INSTITUTO BUTANTAN**  
Oswaldo Vital Brazil

R\$ 10,00 94 páginas

Este livro tem como proposta avaliar a evolução dos institutos Manguinhos e Butantan, por meio das mútuas relações que se estabeleceram no decorrer dos anos, e resgatar tudo o que se disse no Brasil e no Exterior sobre o trabalho do cientista Vital Brazil.

Trata-se de uma contribuição para a objetividade da história da ciência no Brasil.

À venda nas melhores livrarias do País, universidades ou pelo telefone (019) 788.2170

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

PONTES EDITORES LTDA. FONE (019) 252-6661 FAX (019) 252-6011 DISAL S.A. FONE (011) 221-1011 FAX (011) 223-0306

Editora da Unicamp, Rua Caio Graco Prado, 50, CP 6074, CEP 13084-970 Campinas SP Fone (019) 788-2170 Fax (019) 788-2174

## CONVÊNIO UNICAMP

Você entrega/retira os filmes no STU às 2as., 4as. e 6as.  
Revelação com qualidade e cores profissionais, sem pagar mais por isso: filme 12 - R\$ 4,75; 24 - R\$ 8,59; 36 - R\$ 12,43.

### FOTO FERRARI

Conheça nossas lojas no Convívio e Shopping Unimart.  
Excelentes promoções e facilidades de pagamento.  
Os melhores produtos e a Revelação 1 Hora

Fone (019) 231-5877



# R Roteiro de Oportunidades

### Clínica Veterinária Dr. Ronaldo Tizziani

Dr. Ronaldo Tizziani - CRMV 2692  
Dr. Eduardo Tizziani - CRMV 8310

Fone 24 h  
239-1679

Atendimento clínico, cirúrgico, vacinação e a domicílio  
Rua José O. Cordeiro 74 (entrada da Unicamp e de Barão Geraldo)



## MOTTA SEGUROS

27 anos de habilitação profissional

AUTOMÓVEL RESIDÊNCIA EMPRESA VIDA SAÚDE CONDOMÍNIO  
Representamos as melhores companhias do mercado

Fone/Fax (019) 239-4897  
Galeria Flamboyant, loja 12 - Barão Geraldo

# Flórida

## INFORMÁTICA

(019) 887-1166

rapidez  
seriedade  
técnica  
facilidades

Consulte sobre:  
microcomputadores  
impressoras e periféricos  
placas - redes - expansões  
assistência técnica - suporte

### PROMOÇÃO

Livros - Discos - Objetos e muito mais !!!

**R\$ 1,00**

literatura-direito-medicina  
filosofia-arte-psicologia  
esoterismo-história-etc.

### SEBO DO BARÃO

Rua Cecília Feres Zagbi, 33  
(ao lado do Banespa) Tel 239-1279

## Prato Bello

Self Service por quilo: Almoço, Tortas, Sorvete  
Salgados para festas  
Servimos Coffee Break no seu evento

R. Roxo Moreira 1830 Cidade Universitária  
A 50 m da Reitoria Fone (019) 239-0084

## FORMATURA e CASAMENTO

Salão e serviço completo para  
Colação, Jantar, Coquetel.  
Fornecemos Convite, Bucas, Flores, Canudos Som, Fotos e Filmagens.



18 Anos de Tradição  
Salão Próprio, para 2.000 pessoas  
Rua Abolição 1.580 Ponte Preta  
Campinas - Próx. ao Hiper. Extra

Orçamentos: (019) 231-5956 - 231-7815

Fotos p/ documentos em 5 minutos  
Revelação Kodak Filmes

Fone (019) 239-0991

### FOTOCAMP

R. Dr. José Anderson 435-A  
(ao lado do Banco Real)



## PANETTERIA DI PADOVA

Tels. 239 5288 / 239 4446

Pães ▼ Tortas ▼ Doces ▼ Salgados

Café-da-manhã (self service) e Cestas de café da manhã

Almoço (finais de semana) entrada + massa e carne + sobremesa

Rua Maria Tereza Dias da Silva, 530 (paralela à estrada da Rhodia)

# La Villette

MODA

GALERIA FLAMBOYANT  
piso térreo

Fone (019) 239-0091  
Barão Geraldo



## Imobiliária Cidade Universitária

LOCAÇÃO - VENDAS - ADMINISTRAÇÃO

<p>À VENDA</p> <p><b>LOTEAMENTOS A PRAZO. E A ESCOLHER.</b></p> <p><b>Jaguariúna - 48 parcelas.</b> Próx. a empresas de alta tecnologia. Na região que mais se destaca pelo desenvolvimento e qualidade de vida. Ótimo para morar, excelente para investir.</p> <p><b>Betel - 40 parcelas</b> Próximo a B. Geraldo e Paulínia. Últimas unidades à venda. Aproveite.</p>	<p>À VENDA</p> <p><b>CONDOMÍNIO ALTO PADRÃO</b></p> <p>Em Barão Geraldo. Venha conhecê-lo e faça sua reserva - são poucas unidades. Totalmente arborizado, com lagos, portaria, salão de festa, salão de ginástica, várias quadras e muito verde.</p>	<p>LOCAÇÃO, COMPRA E VENDA</p> <p>Ao comprar, alugar ou vender seu imóvel na região de Barão Geraldo, consulte a Imobiliária Cidade Universitária. Temos uma vasta carteira de imóveis à sua disposição.</p>
---	---	--

Av. Dr. Romeu Tórtima 624 - Telefax: 239-3322 - Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas

## BLOCOS de concreto

Fale com a Cimbac

Av. Santa Isabel 737  
Barão Geraldo

(019) 239-3876



### SEBO & BRECHÓ

Livros, Discos, CD's  
Gibis, Roupas, Móveis

Av. Santa Isabel 246  
Barão Geraldo  
Fone 239-0028



Av. Santa Isabel 401  
Fone 239-3514

É só ligar ou vir ao nosso salão.

## Promoção

(10 tipos) **R\$ 9,90**

## AU AU DOG



Novo Banho & Tosa

TRATAMENTO ESPECIAL  
ATENDIMENTO DE 2ª A SÁB.

R. Alzira de Aguiar Aranha 574  
(atrás da Churrascaria Estrela do Sul)  
Barão Geraldo - Fone 239-1727

## CANTINA CAB'S

Seu almoço por quilo, econômico e tranqüilo.

Os estudantes da Engenharia Elétrica conhecem e recomendam.

**PROMOÇÃO DE LANCHES E SUCOS**

CAMPUS

Camp Chaves  
Cópias de todos os modelos

## CHAVEIRO



24 HORAS  
Fone 239-0892

Rua Dr. José Anderson 435 - Próx. ao HC

## EPSON



PROMOÇÃO Cartuchos

HP 51629 R\$ 36,90  
HP 51626 R\$ 36,60  
EPSON SO 20047 R\$ 34,00

As melhores impressoras, em oferta no mês de Abril.

R. Conceição 242 - Centro - Campinas - Fone (019) 232-3700

## ALBUQUERQUE

INFORMÁTICA e PAPELARIA

## SAÚDE

# Fluxo sanguíneo pode explicar obsessões

Pesquisadores usam tomógrafo e medicina nuclear no tratamento de transtornos obsessivos compulsivos

Célia Piglione

**L**avar as mãos repetidamente, verificar exaustivamente se a porta da casa está mesmo fechada, averiguar a toda hora se o veículo se encontra estacionado na garagem ou ainda se o botijão de gás apresenta vazamento capaz de provocar um terrível acidente. aparentemente inofensivas, essas atitudes quando absorvem no mínimo uma hora do dia de um indivíduo escondem um distúrbio neuropsiquiátrico que só é menos freqüente do que a depressão, as fobias e o alcoolismo. Presente em aproximadamente 2,5% da população, com leve predominância entre as mulheres, essas atitudes são clinicamente denominadas como transtornos obsessivos compulsivos (TOC).

Do ponto de vista epidemiológico, se duas a cada 100 pessoas apresentam a doença, numa cidade com o porte de Campinas isso representaria 20 mil indivíduos. Porém, ao se considerar o contingente de quatro milhões de pessoas atendidas no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade, o número sobe para cerca de 80 mil portadores de TOC. Interessado em investigar e tratar esse distúrbio, o psiquiatra Acioly Luiz Tavares de Lacerda está desenvolvendo seu trabalho

de mestrado sobre o tema, junto ao Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade, sob orientação do docente Paulo Dalgalarondo.

De acordo com o especialista, para a maioria dos portadores de TOC o distúrbio começa até os 25 anos, sendo que quanto mais precoce o início maior a influência de fatores genéticos na sua determinação. "O que é certo", diz Acioly, "é que o TOC hoje é reconhecido como um distúrbio neuropsiquiátrico e não só psiquiátrico, caracterizando-se pela presença de obsessões e compulsões, quadro que apresenta um substrato neuroquímico e não apenas uma disfunção psicológica. As obsessões são pensamentos repetitivos que vêm à mente contra a vontade da pessoa, que tem dificuldade de livrar-se deles, causando desconforto e ansiedade. Por exemplo, agressividade ou atos sexuais absurdos".

Já as compulsões não ocorrem a nível mental como as obsessões, e sim por sucessivos rituais. São atos exagerados que em si não têm uma função e sobre os quais a pessoa não tem controle. Uma das pacientes do ambulatório, por exemplo, tomava seis horas de banho por dia e por causa do TOC precisou até interromper sua atividade profissional. "Geralmente o indivíduo leva até 10 anos para buscar um tratamento e consegue disfarçar seu distúrbio da família o tempo todo. Outro fato comum é as pessoas com TOC

recorrem à religiosidade ou grupos espiritualistas, acreditando haver algo sobre-humano perturbando-as", comenta o médico.

**Serotonina** — O TOC tem como causa fatores genéticos, biológicos e psicológicos. É um distúrbio que ocorre principalmente na região frontal do cérebro, devido ao aumento da liberação de uma substância chamada serotonina. A elevação desse neurotransmissor ativa excessivamente o circuito formado pelo pré-frontal do cérebro, giro do cíngulo, estriado, hipotálamo e novamente pré-frontal. Ou seja, semelhante a uma estreita faixa, o giro do cíngulo faz conexão com a região de núcleos de base, que por sua vez se conectam com o hipotálamo e nele as vias serotoninérgicas retornam à região pré-frontal, de modo a formar um circuito.

Para melhor investigar e tratar a doença, foi instalado em dezembro último no HC o Ambulatório de TOC — o segundo do gênero no país, sendo o outro da Universidade de São Paulo. Nos primeiros três meses foram triadas 35 pessoas e 11 iniciaram o tratamento, para o qual foi assinado um protocolo de avaliação neuropsicológica, psicopatológica e de fluxo sanguíneo cerebral regional. Único do tipo no Hemisfério Sul, pelo protocolo é realizado atendimento em conjunto com o Serviço de Medicina Nuclear, onde são feitos exames de tomografia computado-



O psiquiatra Acioly Lacerda: pesquisa interdisciplinar

rizada por emissão de fótons únicos (Spect). O protocolo é semelhante ao da Universidade de Colúmbia (EUA) e através dele o paciente autoriza por escrito a realização do Spect por ser fundamental para a pesquisa e porque, posteriormente, ajudará no plano de tratamento.

Entre os pacientes do ambulatório há estudantes, bancários, corretor de imóveis e médicos, com idades que variam de 19 a 77 anos. O tratamento inicial de TOC consiste no uso, no decorrer de um ano, de antidepressivos inibidores da recaptação da serotonina que fazem com que essa substância volte ao normal pela diminuição de seus recep-

tores e de sua própria ação. "O medicamento não causa dependência e não traz prejuízos ao paciente. Inclusive um dos fabricantes irá doar para o Ambulatório de TOC da Unicamp o medicamento, aprovado pelo *Food and Drug Administration* (FDA) para o tratamento de TOC. Isso representa para o paciente uma economia mensal de aproximadamente R\$ 140,00", calcula Acioly. Numa segunda fase, o tratamento incluirá a terapia cognitivo-comportamental, a ser definida conforme o que se observa nos resultados da avaliação neuropsicológica e psicopatológica, que indica as funções cerebrais com alguma deficiência.

## LITERATURA

# Antologia resgata poesia galega

Língua falada na Galícia é um meio termo entre o português e o castelhano

**P**arece português, mas não é. Tampouco é castelhano. Há anos trabalhando com a literatura da Idade Média, principalmente a lírica galego portuguesa, a professora Yara Frateschi Vieira, do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, organizou uma importante coletânea de poesia galega. O livro *Antologia de Poesia Galega*, que acaba de ser lançado pela Editora da Unicamp, tem 377 páginas e traz a reprodução de mais de 300 poemas em galego, de 30 autores diferentes.

Ilustrado com oito fotos de quadros dos pintores galegos Isaac Díaz Pardo, Carlos Maside, Xurxo Martiño e Montse Amigo, o livro vem munido de notas explicativas sobre o perfil dos autores e características de sua obra, detalhes e comentários sobre os poemas. Inclui também material inédito — autopoéticas e alguns poemas.

"Conheci a poesia galega atual e percebi que, embora pujante e de ótima qualidade, não é conhecida do público de lín-

gua portuguesa", diz Yara. Mas como o galego e o português partilharam uma etapa comum nos séculos 12 a 14 e alguns consideram mesmo, com razão histórica, que são uma mesma língua, julguei que o público de língua portuguesa só tinha a ganhar com o acesso a essa poesia na língua irmã", complementa Yara.

No final do século 12 o galego entrou para a história como uma língua de prestígio, escolhida para a primeira produção lírica vernácula na Península Ibérica. Devido à dominação castelhana, o galego acabou sendo reduzido à condição de língua oral, falada principalmente pelos camponeses. No entanto, segundo Yara, com o romantismo do século 19 a língua passou por um período de ressurgimento, solidificando-se a partir do século 20. Tal fenômeno se intensificou com a tomada de consciência da identidade galega nas últimas décadas.

O galego é, no entanto, das línguas ibéricas, a que experimentou menor evolução. Enquanto em Portugal a língua — que fora comum a toda a região

ibérica — criava foros de cidadania como português — língua de cultura e de expansão, imperialista —, "o galego foi sufocado, e obrigado a manter-se quase exclusivamente como língua falada e desprestigiada, à sombra do castelhano dominador", destaca a professora.

**Os poetas** — A obra de Yara começa analisando a produção da poesia galega a partir do século 19. São 30 os poetas estudados e com textos reproduzidos no livro. Entre eles, Manoel Antônio (1900/1930), falecido aos 30 anos de idade, vítima de tuberculose, que deixou uma importante obra de vanguarda. Ainda na escola, tornou-se um apaixonado defensor da língua galega. Lia e escrevia muito, mas publicou pouco. Um de seus livros mais importantes é *De catro a catro*.

Um dos maiores escritores galegos do século, Álvaro Cunqueiro (1911/1981), foi poeta, ficcionista, dramaturgo e jornalista. Segundo Yara, a maior parte de sua obra poética foi escrita em galego e publicada em forma de livro em duas épocas diferen-



Yara Frateschi: edição, notas e comentários

tes: as primeiras obras em 1932, 1933 e 1950, e a outra só 30 anos mais tarde. Cunqueiro é considerado também um destacado poeta de vanguarda.

Hoje com 66 anos, um dos mais importantes poetas galegos é Uxío Novoneyra. Autor de mais de uma dezena de livros de poemas, o escritor, conforme Yara, "está atento a valores da palavra" e seus textos contêm forte apelo social. Novoneyra desenvolve um trabalho que se aproxima de Guimarães Rosa e

de João Cabral de Mello Neto pelo conteúdo regional que esses autores imprimiram em suas obras.

Novoneyra começou a escrever em castelhano, porque achava que os estudantes galegos da metade do século, "devido ao silêncio imposto pela guerra e pelo pós-guerra, não ouviam falar de galeguismo", como o próprio poeta costumava dizer. Um de seus textos mais importantes é "Os Eidos Elexias do Courel e outros poemas." (A.R.F.)